



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE TIMON
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

BRUNA ELANE LOPES DO NASCIMENTO
DAYANNE PEREIRA DA SILVA
DULCILENE BARBOSA DA SILVA

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: A literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica
antirracista no primeiro ano do ensino fundamental

TIMON
2024



BRUNA ELANE LOPES DO NASCIMENTO
DAYANNE PEREIRA DA SILVA
DULCILENE BARBOSA DA SILVA

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: A literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica
antirracista no primeiro ano do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão
para o grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Emanuella Geovana Magalhães de
Souza

N17e Nascimento, Bruna Elane Lopes do

Educação antirracista : a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do Ensino Fundamental / Bruna Elane Lopes do Nascimento; Dayanne Pereira da Silva; Dulcilene Barbosa da Silva – Timon, 2024.
96 f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2024.

Orientadora: Profª. Dra. Emanuella Magalhães

1. Ensino Fundamental. 2. Crianças afrodescendentes.
3. Literatura infanto-juvenil . I. Silva, Dayanne Pereira.
II. Silva, Dulcilene Barbosa. III. Título.

CDU 372.3(6)

BRUNA ELANE LOPES DO NASCIMENTO
DAYANNE PEREIRA DA SILVA
DULCILENE BARBOSA DA SILVA

**EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: A literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica
no primeiro ano do ensino fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão
para o grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Emanuella Magalhães.

APROVADO EM: 06 / 02 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



EMANUELLA GEOVANA MAGALHAES DE SOUZA

Data: 28/04/2025 22:41:10-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Emanuella Geovana Magalhães de Souza
(Orientadora – UEMA)

Prof. Francisco Renato Lima (Membro – UEMA)

Prof. Me. Eduardo José Lima de Oliveira (Membro – UEMA)

TIMON
2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a mim mesma por ter resistência nesse percurso e não ter desistido quando tudo parecia impossível e ter enfrentado com persistência os desafios que apareceram no meu caminho. A minha mãe Francisca das Chagas que é o amor da minha vida e foi o meu alicerce que sempre me incentivou nos estudos e sempre priorizava o mesmo. Grata pelos seus ensinamentos, conselhos, carinho, apoio, amor e acolhimento. Sem o suporte dela eu jamais teria chegado onde estou e não tinha conseguido superar os obstáculos que apareceram no meu caminho.

Aos meus irmãos, Francisco, Antônio e Jorge que me deram ânimo, força e alegraram os meus dias durante o processo. A todas as minhas amigas Lyara, Elaine, Liége pelo apoio principalmente a minha melhor amiga Darliane, uma pessoa muito especial, uma amiga que desde a infância esteve comigo em todos os momentos. Ela é um exemplo de força e companheirismo. Obrigada pela sua amizade e todo o carinho, suporte e compreensão da minha ausência durante esses anos. A minha amiga Frayane que conheci durante meu estágio e que foi responsável por me fazer rir nos dias difíceis, sempre levantava minha autoestima e segurou minha mão quando tudo parecia desabar.

Aos meus amigos de sala da universidade Edwrigens e Wellyngton pela troca de saberes, pela amizade, pela atenção, pelas risadas e por fazer dos meus dias mais leves. As minhas amigas Dulcilene e Dayanne por todo o companheirismo, amizade e compreensão. Vocês foram fundamentais nesse processo. Agradeço também à minha orientadora Profa. Dra. Emanuella Magalhães por todo o auxílio, atenção e companheirismo. Você é exemplo de profissional e ser humano.

Bruna Elane Lopes do Nascimento

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora pela proteção e pelas oportunidades concedidas. Sou profundamente grata por cada etapa dessa jornada. Chegar até aqui, após quatro anos de intensa dedicação, foi um grande desafio, mas também uma imensa realização.

A minha família que foi o alicerce que me sustentou durante toda essa jornada. Agradeço a cada um por sua presença constante e por me mostrarem o verdadeiro significado do amor incondicional, em especial à minha mãe Maria Francisca, meu mais sincero agradecimento. Sua fé em mim e seu apoio incondicional foram fundamentais para que eu persistisse.

Aos meus professores, que compartilharam seus conhecimentos e experiências, sou imensamente grata. Em especial à Profa. Dra. Emanuella Geovana Magalhães de Souza, por sua valiosa orientação.

Aos meus queridos amigos Wellyngton, Heldilene e Geovana, agradeço pela amizade sincera e companheirismo. As minhas amigas Dulcilene e Bruna Elane, minha gratidão pelo apoio constante durante essa última etapa da graduação.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista. Este trabalho representa o início de uma nova etapa em minha vida.

Dayanne Pereira da Silva

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois em sua graça encontrei forças e ânimo nos inúmeros momentos difíceis ao longo de toda essa graduação. Aos meus filhos Dayla e Ronaldo que são os motivos pelo qual persisto e busco ser cada dia melhor. Ao meu marido Ronaldo Costa pela paciência, compreensão e pelo apoio logístico nessa caminhada. Você também foi fundamental. Aos meus familiares e amigos que souberam acolher minha ausência com carinho e me incentivaram a seguir em frente. Às minhas amigas Bruna Elane e Dayanne Pereira por todo acolhimento, compreensão e carinho. Sem vocês esta conquista seria muito mais difícil. Obrigada! Agradeço carinhosamente também à minha orientadora, Dra. Emanuella Magalhães por ser exemplo de inteligência e comprometimento profissional. E a mim mesma, por cada dificuldade superada, e por cada obstáculo que enfrentei com determinação. Este trabalho não é apenas uma conquista acadêmica, mas um marco de perseverança, fé e sonhos que se tornam realidade.

Dulcilene Barbosa da Silva

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma proposta de intervenção pedagógica intitulada "Educação Antirracista: A literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental". O estudo busca responder como utilizar a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista na educação básica especificamente no primeiro ano do Ensino Fundamental. Destaca-se a importância de promover a presença de livros que abordem questões étnico-raciais na sala de aula, pois eles contribuem para a valorização das identidades das crianças afrodescendentes e favorecem a reflexão sobre igualdade e respeito entre todas as crianças, independentemente de sua origem étnico-racial. Esses materiais auxiliam na desconstrução de estereótipos raciais e na formação de uma consciência crítica sobre a diversidade cultural e social. O objetivo geral deste trabalho foi compreender a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental. A abordagem utilizada na pesquisa foi qualitativa, com a realização de pesquisa de campo em uma escola localizada no município de Timon – MA. Foram realizadas observações em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental, entrevista semiestruturada com a professora titular da sala e atividades para diagnosticar a realidade da escola, bem como verificar o entendimento dos alunos em relação à temática proposta. Após a pesquisa de campo, foi elaborada uma proposta de intervenção pedagógica baseada nos seguintes documentos: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Diretrizes Nacionais Curriculares para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004). Como leituras de apoio, destacaram-se os autores Almeida (2019) para tratar sobre discriminação e preconceito, Munanga (2004), Ribeiro (2019), Santos e Viana (2009) para discorrer sobre raça e racismo, Coelho (2000) que traz discussão sobre literatura infantil, Gouvea (2005) e Souza (2019) para discutir a literatura afrodescendente. O estudo evidenciou a carência em trabalhar a literatura infanto-juvenil com temáticas que abordem as questões raciais no primeiro ano do ensino fundamental. Além disso, constatou-se que alguns professores não trabalham as questões étnico-raciais durante todo o ano letivo, pois somente trabalham no mês de novembro na data destinada ao Dia da Consciência Negra. Diante disso, torna-se relevante adotar metodologias que abordem as temáticas étnico-raciais, como o uso de literatura infanto-juvenil. Quando ela traz representatividade e aborda essas questões, essa literatura desempenha um papel essencial na construção de uma identidade positiva para as crianças afrodescendentes. Ela ajuda a formar indivíduos mais conscientes e empáticos, capazes de transformar a escola em um lugar onde as diferenças são respeitadas e a diversidade é celebrada de maneira crítica. Assim, vai além da sala de aula, contribuindo para uma sociedade mais justa, acolhedora e igualitária.

Palavras-chave: Ensino Fundamental; crianças afrodescendentes; literatura infanto-juvenil.

ABSTRACT

This study is the result of a proposal for a pedagogical intervention entitled "Anti-Racist Education: Children's and Young Adult Literature as an Anti-Racist Pedagogical Strategy in the First Year of Elementary School". The study seeks to answer how to use children's and young adult literature as an anti-racist pedagogical strategy in basic education, specifically in the first year of elementary school. The importance of promoting the presence of books that address ethnic-racial issues in the classroom is highlighted, as they contribute to the valorization of the identities of Afro-descendant children and encourage reflection on equality and respect among all children, regardless of their ethnic-racial origin. These materials help to deconstruct racial stereotypes and form a critical awareness of cultural and social diversity. The general objective of this study was to understand children's and young adult literature as an anti-racist pedagogical strategy in the early years of elementary school. The approach used in the research was qualitative, with field research being carried out in a school located in the city of Timon - MA. Observations were carried out in a first-year elementary school class, a non-standardized interview with the classroom teacher, and activities to diagnose the school's reality were conducted, as well as to verify the students' understanding of the proposed theme. After the field research, a proposal for pedagogical intervention was developed based on the following documents: National Common Curricular Base (BNCC) and National Curricular Guidelines for Teaching Afro-Brazilian and African History and Culture (2004). As supporting readings, the authors Almeida (2019) stood out to address discrimination and prejudice, Munanga (2004), Ribeiro (2019), Santos and Viana (2009) to discuss race and racism, Coelho (2000) who discusses children's literature, Gouvea (2005) and Souza (2019) to discuss Afro-descendant literature. The study highlighted the lack of children's and young adult literature with themes that address racial issues in the first year of elementary school. Furthermore, it was found that some teachers do not address ethnic-racial issues throughout the school year, as they only address them in November, on the date designated for Black Awareness Day. Given this, it is important to adopt methodologies that address ethnic-racial issues, such as the use of children's and young adult literature. When it brings representation and addresses these issues, this literature plays an essential role in building a positive identity for Afro-descendant children. It helps to form more aware and empathetic individuals, capable of transforming the school into a place where differences are respected and diversity is celebrated in a critical manner. Thus, it goes beyond the classroom, contributing to a more just, welcoming and egalitarian society.

Keywords: Elementary Education; Afro-descendant children; children's literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE RAÇA, RACISMO, PRECONCEITO RACIAL E DISCRIMINAÇÃO	14
1.1 A construção social do conceito de raça: origens, significados e impactos culturais	14
1.2 As raízes do racismo: origem histórica, conceito e a construção do preconceito	17
1.3 Discriminação racial: denominação, entendimento, manifestações e consequências sociais	21
1.4 Preconceito: concepção, natureza e impactos nas relações sociais	23
2 LITERATURA INFANTO-JUVENIL ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA	24
2.1 Definição de literatura infantil e sua finalidade na educação	24
2.2 Literatura na perspectiva afro-brasileira	26
3 DOCUMENTOS LEGAIS QUE TRABALHAM AS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS NA EDUCAÇÃO	30
3.1 Constituição Federal de 1988	30
3.2 Lei 10.639/2003: importância e sua finalidade.....	31
3.3 Desdobramentos da lei 10.639: outros documentos legais que tratam das questões raciais na educação escolar.....	33
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS	37
4.1 Abordagem da pesquisa e seu contexto	37
4.2 Procedimentos de coleta de dados	38
5 DIAGNÓSTICO DA REALIDADE ESCOLAR: QUANDO A TEORIA ENCONTRA O PROBLEMA DE ESTUDO	41
5.1 DESCRIÇÕES DO CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA	43
5.2 DESCRIÇÃO DO CONTEXTO EDUCACIONAL DA ESCOLA	43
5.2.1 Observação dos recursos da sala de aula	44

5.2.2 Entrevista com a professora titular da classe	46
5.3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES FEITAS EM SALA DE AULA COM OS ALUNOS	49
5.3.1 Contação de história meninas negras.....	49
5.3.2 Contação de história da Sulwe	51
5.3.3 Contação de história “Uma Princesa diferente”	52
6 A CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA	56
6.1 Apresentando o objetivo da proposta pedagógica de intervenção	56
6.2 Compreendendo a intervenção pedagógica em diálogo com a teoria	57
6.3 Conhecendo os participantes, instrumentos e recursos da proposta pedagógica	58
6.4 A intervenção pedagógica ganha vida e cores: descrição e análise das ações desenvolvidas	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	89

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pannel de sílabas complexas.....	44
Figura 2 - Cartaz ajudante do dia	44
Figura 3 - Numerais 5 e 8.....	45
Figura 4 - Literaturas do "cantinho da leitura"	45
Figura 5 - Caderno de atividades.....	46
Figura 6 - Produção.....	50
Figura 7 - Produção.....	50
Figura 8 - Produção.....	51
Figura 9 - Produção.....	51
Figura 10 - Contaçon de história "Uma princesa diferente?"	52
Figura 11 - Contaçon de história "Uma princesa diferente?"	52
Figura 13 - Atividade painel de representatividades	53
Figura 12 - Atividade painel de representatividades	53
Figura 15 - Capa do livro "Minha mãe é negra sim!"	63
Figura 14 - Capa do livro "A cor de Coraline"	63
Figura 16 - Apresentação do livro	65
Figura 17 - Atividade misturando as cores	65
Figura 18 - Desenho representando a cor favorita.....	65
Figura 19 - Cartaz sobre a cultura africana	66
Figura 20 - Contaçon da história "Minha mãe é negra sim!"	66
Figura 21 - Capa do livro "Flávia e o bolo de chocolate"	69
Figura 22 - Capa do livro "Menina bonita do laço de fita"	69
Figura 23 - Contaçon da história "Menina bonita do laço de fita".....	72
Figura 24 - Desenho representando a personagem.....	72
Figura 25 - Capa do livro "Quanta África tem no dia de alguém?"	74
Figura 26 - Capa do livro "O cabelo de Lelé"	74
Figura 27 - Contaçon de história "O cabelo de Lelé"	77
Figura 28 - Produção.....	77
Figura 29 - Momento de interação	77
Figura 30 - Capa do livro "Da cor que eu sou"	79
Figura 31 - Apresentação do vídeo	81
Figura 32 - Apresentação do vídeo	81
Figura 33 - Presente	82
Figura 34 - Presente	82
Figura 35 - Presente	82
Figura 36 - Livro do primeiro ano.....	82

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - ENTREVISTA.....	47
QUADRO 2: DEMONSTRATIVO DA 1ª AÇÃO.....	60
QUADRO 3: DEMONSTRATIVO DA 2ª AÇÃO.....	66
QUADRO 4: DEMONSTRATIVO DA 3ª AÇÃO.....	72
QUADRO 5: DEMONSTRATIVO DA 4ª AÇÃO.....	78

INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil antirracista é um potente instrumento para se trabalhar com as crianças no primeiro ano do Ensino Fundamental questões relacionadas ao racismo. A literatura antirracista pode desempenhar um papel crucial na promoção da consciência e na luta contra o racismo desde a infância. Livros que apresentam personagens diversos, abordam as diferentes culturas e destacam a importância da igualdade podem ajudar as crianças a desenvolverem uma compreensão mais ampla e respeitosa do mundo. Essa abordagem não apenas ensina sobre diversidade, mas também promove a valorização das diferenças e a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Essa pesquisa poderá contribuir para o aprofundamento das discussões dos educadores em formação acerca da utilização da literatura infanto-juvenil antirracista como estratégia pedagógica para a aquisição de conhecimento das crianças sobre o racismo existente na nossa sociedade e a importância de combatê-lo e, também, para a reflexão dos profissionais em atuação sobre a relevância da literatura antirracista que, conseqüentemente, propiciará benefícios de aprendizagem para as crianças. Desse modo, esse trabalho contribuirá tanto socialmente como também academicamente.

Em conformidade com Silva (2021), o currículo eurocêntrico é um dos motivos para que o racismo esteja tão enraizado na educação escolar. Dito isso, para a construção de uma educação antirracista na escola é necessário a desconstrução desse currículo eurocentrado porque ao desconstruir esse modelo, buscamos uma educação mais inclusiva e representativa que valorize a diversidade cultural e as contribuições dos africanos e, além disso, a desconstrução do mesmo pode ajudar a promover um pensamento crítico entre os estudantes e a busca pela identidade.

Nascimento e Vieira (2023) afirmam que a literatura afrobrasileira enfrenta desafios ao adentrar em espaços escolares e esse empecilho possui marcas históricas, pois a história brasileira foi construída sob a visão eurocêntrica excluindo a contribuição dos afrodescendentes. Em consequência disso, as instituições de ensino sofrem com a escassez de literaturas antirracistas escritas principalmente por autores negros. Em vez disso, adotam na sua maioria livros com personagens e escritores eurodescendentes, excluindo desse espaço literário escritores negros.

Esta pesquisa busca responder como utilizar a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do Ensino Fundamental. Essa educação antirracista é importante e merece ser investigada porque ainda existe a escassez de literaturas antirracistas

nas escolas e também é relevante para podermos compreendermos como os educadores podem utilizar a literatura infanto-juvenil antirracista de maneira estratégica no primeiro ano do ensino fundamental para poder desenvolver a consciência racial e a igualdade racial. A partir dessa constatação, construímos a seguinte questão-problema: Como utilizar a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental? Dessa forma investigar como esses livros e histórias específicas são selecionados e utilizados para promover a diversidade, representatividade e consciência cultural entre as crianças se faz necessário e urgente. Isso incluiria análises de como os temas, personagens e narrativas contribuem para desconstruir estereótipos e promover a inclusão, além de avaliar o impacto de estratégias no desenvolvimento das crianças e na construção de uma consciência antirracista desde cedo.

O interesse pela pesquisa surgiu quando percebemos que durante a nossa trajetória escolar principalmente no primeiro ano do Ensino Fundamental não tivemos contatos com livros que trabalhassem sobre racismo como também não tivemos contatos com escritores afrodescendentes. Além disso, percebemos que durante o período escolar estudamos pouco sobre o racismo e as relações étnico-raciais porque era restrito somente no mês de novembro na data da Consciência Negra. Observamos que até os dias atuais é uma temática pouco trabalhada nas escolas porque há a escassez da literatura infanto-juvenil e antirracista nas instituições escolares.

Além disso, nossas experiências acadêmicas no curso de Licenciatura em Pedagogia confirmam que essa realidade vivenciada na infância ainda está presente nas escolas. Para exemplificar, uma das autoras da presente pesquisa descreve uma experiência como estagiária em uma escola privada. Ela vivenciou uma situação de racismo na educação infantil, onde uma criança de apenas três anos chamava diariamente uma colega afrodescendente de "pretinha". Eventualmente, a criança se referia à colega pelo nome social, mas ficou claro, tanto para a estagiária quanto para a professora titular, que o termo "pretinha" era usado de forma pejorativa, evidenciando a prática de racismo.

A autora dessa pesquisa também presenciou várias situações de racismo enquanto estagiava em uma escola pública. Algumas crianças faziam comentários depreciativos sobre o cabelo crespo ou cacheado de outras crianças, criticavam a cor da pele e usavam termos pejorativos e racistas dentro da sala de aula.

Diante do exposto, elencamos como objetivo geral da pesquisa compreender a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental e como objetivos específicos, definimos os seguintes: identificar a percepção de uma professora

da turma do primeiro ano do ensino fundamental do ensino fundamental em relação ao uso da literatura infanto-juvenil antirracista; demonstrar o uso da literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental; analisar as contribuições do uso da literatura infanto-juvenil como estratégia antirracista no primeiro ano do ensino fundamental.

Como caminho metodológico escolhemos a abordagem qualitativa o qual busca analisar com profundidade os contextos e os significados do objeto que está sendo estudado. Optamos pela pesquisa de campo onde pudemos vivenciar pessoalmente a realidade da escola. Utilizamos como procedimento de coleta de dado a observação onde percebemos a dinamicidade da sala de aula e a interação dos alunos e a professora. Utilizamos a entrevista semiestruturada, pois a mesma possui perguntas abertas tornando a mesma mais natural e confortável para a entrevistada. Na organização e análise dos dados usamos a proposta de análise de conteúdo a qual possui quatro fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e a interpretação. Após essa fase de diagnóstico da realidade escolar, elaboramos uma proposta pedagógica tendo como base principal a utilização da literatura infantil para se trabalhar aspectos da diversidade racial, como forma de promover uma educação antirracista.

A organização dos capítulos desta pesquisa está definida da seguinte maneira: no início consta a introdução que apresenta a contextualização de toda a pesquisa, onde está apresentada a justificativa da escolha do tema, as contribuições significativas desta pesquisa, além dos objetivos e problemática. Em seguida no primeiro capítulo iremos abordar a questão da contextualização mais aprofundada dos temas: raça, racismo, preconceito racial e discriminação, este capítulo está dividido em quatro seções, que irão detalhar essas questões de maneira mais individualizada.

Desta forma este capítulo está em acordo com um dos objetivos da pesquisa que é “Identificar a percepção de uma professora do ensino fundamental em relação ao uso da literatura infanto-juvenil antirracista”, pois ao se utilizar de uma literatura infanto-juvenil como ferramenta antirracista, o professor deve antes de tudo compreender o conceito dos temas acima mencionado entendendo o seu contexto histórico, ademais conhecer esses conceitos permitirá ao professor desenvolver estratégias pedagógicas mais eficazes para se combater o racismo.

Sendo assim, no segundo capítulo será explanado a literatura infanto juvenil afro-brasileira como estratégia pedagógica, este capítulo está dividido em duas seções, que irão abordar a importância desta literatura infantil no desenvolvimento das crianças, e como ela é relevante para a construção de uma sociedade mais justa, este capítulo está de acordo com o objetivo “Demonstrar o uso da literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista

no primeiro ano do ensino fundamental” aqui de fato vai ser aprofundado a importância do uso dessa literatura.

No terceiro capítulo está incluso um panorama abrangente da legislação brasileira que embasa a educação antirracista os quais essa pesquisa teve base para se concretizar, o capítulo se encontra dividido em três seções, onde irão abordar a lei 10.639/2003 que obriga o ensino de história e “cultura afro-brasileira”, também irá abordar a Constituição Federal de 1988, este capítulo está alinhado com o objetivo que visa “Analisar as contribuições do uso da literatura infanto-juvenil como estratégia antirracista no primeiro ano do ensino fundamental” visto que de acordo com a Constituição Federal é garantido o direito à educação para todos, incluindo o direito a uma educação que promova a igualdade racial. Essa garantia legal fundamenta a importância da literatura infanto-juvenil antirracista como ferramenta pedagógica.

No quarto capítulo abordaremos o procedimento metodológico e análise de dados do projeto, o mesmo está dividido em duas seções. O quinto capítulo apresenta uma descrição detalhada do contexto da pesquisa, como os participantes, o ambiente escolar, além dessas observações, há também o diagnóstico feito pelas pesquisadoras. Ainda neste capítulo se desdobra o detalhamento de toda a proposta pedagógica. Ao fim desse estudo encontra-se a conclusão e as referências de artigos, livros, entre outros, utilizados ao longo da pesquisa, e que deu o embase teórico que foi tão necessário no decorrer da construção desta proposta.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE RAÇA, RACISMO, PRECONCEITO RACIAL E DISCRIMINAÇÃO

Dividimos a seção em alguns subtópicos, são eles: A construção social do conceito de raça: origens, significados e impactos culturais; as raízes do racismo: origem histórica, conceito e a construção do preconceito; Discriminação racial: denominação, entendimento, manifestações e consequências sociais; Preconceito: concepção, natureza e impactos nas relações sociais.

1.1 A construção social do conceito de raça: origens, significados e impactos culturais

Segundo Munanga (2004, p. 01) “Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie”. Com base nisso, o conceito de raça tem sido objeto de debate e alterações ao longo da história, refletindo mudanças sociais, científicas e políticas. Conforme o autor, inicialmente o termo foi utilizado na botânica e na zoologia para a classificação das espécies no reino animal e também vegetal. Munanga (2004) explica que já no latim medieval esse conceito significava descendência, ou seja, pessoas com um ancestral em comum. Ainda, de acordo com Munanga (2004, p.01):

No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição aos Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados.

Dessa forma, o conceito de raça passou por diferentes perspectivas, influenciando, por exemplo, as relações de classe na França no período da Idade Moderna, onde existia a nobreza, descendentes dos francos germânicos, que se autodeclaravam como uma raça superior, pura, qualificados para governar e dominar os Gauleses, identificados com a plebe. Com base nisso, percebe-se que o conceito de "raças puras" foi adaptado da Botânica e Zoologia para justificar a dominação entre classes sociais, como a nobreza e a plebe, apesar de não haver diferenças morfo-biológicas significativas entre os indivíduos dessas classes.

Para Munanga, Op.Cit. alguns biólogos antirracistas discordam do conceito de raça usado biologicamente para dividir seres humanos. Porém, os mesmos defendem o significado

atual que considera a raça como uma construção política e social de dominação e exclusão na sociedade. Dito isso, não há embasamento científico e biológico para a divisão da humanidade em “raças” distintas. A idéia de raça foi desenvolvida ao longo da história para justificar e perpetuar sistemas de desigualdades, como escravidão, o colonialismo e o racismo. Essa construção foi utilizada historicamente para manter os sistemas de opressão.

O processo de colonização que marcou a configuração social brasileira demarca como a ideia de raça subjugou os povos africanos trazidos violentamente e forçosamente para esse país. Nascimento (1978), explica que para os colonizadores os povos africanos eram considerados inferiores e por isso eram considerados um problema e como solução para essa “mancha negra”, as mulheres negras eram violentadas sexualmente. Dessa forma, com a tentativa de embranquecimento da população e toda a violência sofrida ocasionou o genocídio da população negra brasileira.

Segundo Berbel (2017), a ligação entre a raça humana e o desenvolvimento social se revela de forma mais cruel no projeto eugênico do nazismo, cujas origens estão nas ideias de Chamberlain, apresentadas em seu livro “As Fundações do Século XIX”, que influenciou seus principais ideólogos. Nesse livro ele defende a evolução da humanidade sob um viés racial centrado na raça ariana como a superior. No Brasil, de acordo com Berbel (2017, p. 332):

Logo após o abolicionismo, em 1888, inicia-se um processo de eugeniização da sociedade brasileira, encampado por uma ideia de que o negro, como classe inferior que era, produzia o retrocesso social e, portanto, era necessário “branquear a sociedade brasileira”, por meio de um projeto de imigração. Segundo as ideias de Gobineau, amigo pessoal de D. Pedro II. A raça brasileira, oriunda da miscigenação, era fadada ao insucesso e seria superada, em aproximadamente 200 anos, pelas raças superiores. Era necessário, portanto, proceder ao processo de melhoria racial.

Dessa forma, após a abolição da escravidão em 1888, o Brasil enfrentou um movimento de eugeniização que buscava promover um "branqueamento" da sociedade. Essa ideia, alimentada por teorias como a de Gobineau (1869), sugeria que a presença da população negra era responsável por um suposto retrocesso social. Para resolver isso, propôs-se um projeto de imigração que visava introduzir imigrantes europeus como forma de "melhorar" a composição racial do país. Essa perspectiva não apenas desconsiderava a rica diversidade cultural resultante da miscigenação, mas também perpetuava a noção de superioridade racial, reforçando hierarquias que marginalizavam a população afro-brasileira e suas contribuições à sociedade. Essa busca por uma identidade racial "superior" reflete as tensões raciais que ainda persistem no Brasil contemporâneo.

Nesse sentido, Oliveira (2020, p.01), contribui ao argumentar que:

Assim, a criação da categoria raça surge para respaldar o sistema escravocrata, que só serviu para sustentar ideologias e doutrinas que diferenciam os homens pelos seus caracteres físicos, religiosos, filosóficos, ideológicos, culturais e sua forma de estar no mundo. Os mentores destas ideologias e doutrinas foram os filósofos europeus, muitos dos quais mantêm ainda hoje sua autoridade entre os defensores das teorias racialistas. Estas teorias sustentam o ideal de um sistema social, político, ideológico e filosófico hegemônico em que brancos e negros foram submetidos, embora em condições desiguais, pois a comunidade negra não foi incluída de forma igualitária nesse projeto.

Assim, a construção da categoria "raça" foi instrumentalizada para legitimar o sistema escravocrata, perpetuando divisões baseadas em características físicas e culturais. Com base nisso, a influência de filósofos europeus, cujas ideias ainda ressoam em discursos racialistas contemporâneos permanecem. Além disso, as pessoas afrodescendentes foram excluídas de maneira desigual dos projetos sociais e políticos, o que evidencia a permanência de estruturas de opressão. Essa análise convida à reflexão sobre as raízes históricas do racismo e a necessidade de dismantlar essas ideologias para construir uma sociedade mais igualitária.

Autores contemporâneos como Jesus e Melo (2022), afirmam que o conceito de raça sob viés biológico é ultrapassado e já foi desconstruído pela ciência. Durante séculos, essa ideia foi defendida por pessoas brancas, que a humanidade poderia ser dividida em diferentes raças com base em características físicas como cor da pele, formato dos crânios ou traços superficiais, e essas divisões tinham "base biológica" sólida na época. No entanto, estudos genéticos modernos demonstraram que as diferenças entre os seres humanos em termos de genética são mínimas e, incapaz de classificar em raças.

A concepção de raça foi uma invenção eurocêntrica que evidencia como grupos brancos moldaram categorias raciais para estabelecer hierarquias e justificar a opressão de pessoas negras. Esse processo histórico gerou estereótipos que simplificam e desumanizam as identidades raciais, reforçando a ideia de superioridade branca e consequentemente de inferioridade de pessoas afrodescendentes.

Portanto, na contemporaneidade, raça é vista como uma construção social, influenciada por fatores históricos, políticos e econômicos. Essa mudança de paradigma reflete uma busca por igualdade e inclusão, desafiando estereótipos e promovendo uma abordagem mais holística das identidades humanas. Com base nisso, entender a raça como uma construção social é fundamental para abordar questões de desigualdades e injustiça. Isso permite uma análise crítica das estruturas sociais e promove a busca por um mundo mais equitativo, onde as diferenças humanas sejam celebradas, mas nunca usadas para justificar a opressão.

1.2 As raízes do racismo: origem histórica, conceito e a construção do preconceito

O racismo no mundo é um fenômeno complexo, multifacetado e também é um desafio global que exige uma abordagem multifacetada e colaborativa para ser enfrentado. Alguns autores defendem o racismo como uma prática de discriminação racial e um conjunto de práticas onde determinados grupos respaldam a ideia de superioridade e dominação ao outro. Sobre isso Munanga (Op. Cit., p. 7) destaca:

Criado por volta de 1920, o racismo enquanto conceito e realidade já foi objeto de diversas leituras e interpretações. Já recebeu várias definições que nem sempre dizem a mesma coisa, nem sempre têm um denominador comum. Quando utilizamos esse conceito em nosso cotidiano, não lhe atribuímos mesmos conteúdo e significado, daí a falta do consenso até na busca de soluções contra o racismo. Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.

O conceito de racismo possui diversas compreensões e concepções, refletindo a falta de consenso em torno de seu significado. Geralmente, o termo é discutido em relação à "raça", onde o racismo é visto como uma ideologia que divide a humanidade em grupos hierarquizados com base em características físicas e, conseqüentemente, em supostas qualidades morais e intelectuais. A complexidade do racismo exige uma análise crítica e uma abordagem multidimensional para erradicar os seus impactos na sociedade. Para Munanga (2004, p.08):

Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas.

O racismo, estudado filosoficamente, revela uma estrutura de poder onde um grupo se posiciona com superioridade, o que leva à exclusão e discriminação de outros grupos. Essa visão distorcida é frequentemente reforçada por tradições e narrativas que perpetuam desigualdades, desumanizando os considerados "outros" e sustentando uma ideologia que busca legitimar a opressão.

Já para Gomes (2005, p. 52), considera que:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

Dito isso, o racismo é, de fato, um fenômeno complexo que abrange tanto atitudes individuais quanto estruturas sociais. A repulsa e o ódio em relação a grupos racializados são manifestações diretas dessa ideologia, que se alimenta de estereótipos e preconceitos. Desse modo, a crença em “raças” superiores e inferiores possuem raízes históricas que se entrelaçam com contextos de poder, dominação e colonização. Essa hierarquização racial não é apenas uma questão de percepção individual, mas também um reflexo de sistemas sociais que perpetuam desigualdades.

Os autores Ferreira e Gois (2021, p77), descrevem o racismo como:

Mais do que comportamentos individuais e isolados, o racismo compõe, perpassa e integra todo um aparato e sistema, constituído por métodos, técnicas e instrumentos que encontram no Direito, em particular nos Direitos Penal, Processual Penal e Penitenciário, o seu principal aporte de sustentação e reprodução.

Com base nisso, o racismo além de serem ações discriminatórias, é sistêmico, ou seja, é um sistema com um conjunto de elementos inter-relacionados que trabalham juntos para alcançar um objetivo comum. Ele está enraizado em estruturas sociais, políticas e econômicas. Essas estruturas incluem as leis, que são uma das estruturas que o sustentam e que perpetuam as desigualdades raciais.

Almeida (2019) sobre racismo estrutural explicita:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (Almeida, 2019, p.33).

A necropolítica segundo Mbembe (2015) é uma política de morte onde ocorre o Estado de Exceção em que o poder, ou seja, o Estado escolhe quem deve morrer e quem deve viver. Um exemplo dessa manifestação é a produção da morte de corpos negros por autoridades policiais do Estado em falsas operações nas favelas e que são percebidas com naturalidade. Outro exemplo é a falsa guerra às drogas, onde, essas pessoas são mortas ou encarceradas em

massa e injustamente com o respaldo do poder judicial com a falsa ideologia de “criminoso”, mas que na realidade, trata-se do racismo institucional.

Para Santos e Viana (2009), o racismo emergiu em um contexto histórico marcado pelo crescimento do capitalismo, que, por sua vez, se alimentou da exploração e da escravidão de pessoas negras. Inicialmente, a justificativa para essa exploração era religiosa, mas com o tempo, evoluiu para uma abordagem que se dizia científica, incorporando teorias como a darwinista e a ideia de “espaço vital”.

Ainda, segundo Santos e Viana (2009), esse desenvolvimento refletiu a necessidade de legitimar a opressão de grupos considerados inferiores, fundamentando a discriminação em supostas características biológicas e culturais. Assim, o racismo não é apenas uma crença isolada, mas uma construção social intrinsecamente ligada ao desenvolvimento econômico e às ideologias predominantes da época que se perdura até a atualidade.

Santos e Viana (2009), argumentam que a ideologia racista tende a se intensificar em períodos de crises capitalistas, pois as elites muitas vezes recorrem à criação de um fantasma imaginário como inimigo para desviar o foco das reais causas da situação social. Essa estratégia envolve a culpabilização de grupos raciais ou sociais, que são apresentados como responsáveis pelos problemas enfrentados. Alternativamente, também se pode direcionar o olhar para ameaças externas, como em contextos de guerra, onde a unidade nacional é reafirmada em meio a divisões internas. Essa dinâmica revela como o racismo pode ser utilizado para consolidar o poder e desviar a atenção das questões sociais e econômicas mais profundas.

Ribeiro, (2019, p. 29) alerta que “[...] o quanto culturas negras e indígenas foram expropriadas e apropriadas historicamente.” Com base nisso, observamos que é o reflexo de um processo histórico de colonização, imperialismo, racismo e desigualdade existente na sociedade causado pelo sistema capitalista, cujo sistema foi criado pelos brancos. Dessa forma, enquanto houver capitalismo, existirá racismo. A cultura branca, em muitas sociedades, dominou e marginalizou as culturas indígenas e negras, deslegitimando suas práticas, saberes e modos de vida. Esse processo de expropriação envolveu não apenas a apropriação de elementos culturais, mas também a imposição de narrativas que desvalorizavam a identidade e a história desses grupos. Ribeiro (2019, p. 23) exemplifica esse processo com os seguintes dizeres:

Para começar, pensemos nos processos de contratação. Se uma empresa está focada em quem cursou universidades de elite ou tem inglês fluente, isso pode significar que apenas pessoas privilegiadas poderão enviar seus currículos, pois sabemos que, no Brasil, estudar outro idioma ou fazer um intercâmbio não é acessível para todo mundo. Somente uma parcela privilegiada da sociedade tem acesso a isso. Além do mais, o pacto narcísico da branquitude — expressão desenvolvida por Cida Bento em sua tese de doutorado, usada para definir como pessoas brancas anuem entre si para a

manutenção de privilégios — colabora com a exclusão de outros grupos nas indicações de trabalho.

Dessa maneira, com a predominância das pessoas eurodescendentes nas diversas esferas sociais, como educação, na política institucional, no jurídico, emprego e arte, fica evidente que o sistema de discriminação privilegia pessoas brancas, em contraposição marginaliza e exclui grupos indígenas e negros. Essa dinâmica gera desigualdade de oportunidades e dificulta a inclusão plena dessas comunidades, com isso, afetando a democracia racial, que na sua prática nunca existiu, trata-se de uma mentira para manipular as relações desiguais no Brasil.

A falsa democracia racial, nada mais é que uma farsa, utilizada como forma de manutenção do racismo, essa configuração social é entendida segundo Guimarães (2001) como “O mito do paraíso racial” em que as pessoas negras vivem em igualdades sociais com as pessoas brancas e como se não existisse preconceito e discriminação na sociedade brasileira contra essas pessoas e todas elas tivessem as mesmas oportunidades sem obstáculos.

De acordo com Almeida (2019), existem três concepções de racismo onde o primeiro é o individualista, que seriam ações praticadas individualmente ou coletivamente. O segundo é o racismo institucional praticado e naturalizado pelas instituições. Por fim, o racismo estrutural que seria o racismo enraizado nas camadas da sociedade, ou seja, ele está presente em todas as esferas sociais como na política, economia, no judicial e até no seio familiar. Sob o viés estrutural o autor traz o racismo como Processo Político que depende do poder político e possui duas dimensões: Dimensão institucional e Dimensão ideológica. A primeira seria:

Dimensão institucional: por meio da regulação jurídica e extrajurídica, tendo o Estado como o centro das relações políticas da sociedade contemporânea. A Dimensão ideológica: É fundamental que as instituições sociais, especialmente o Estado, sejam capazes de produzir narrativas que acentuem a unidade social, apesar de fraturas como a divisão de classes, o racismo e o sexismo. É parte da dimensão política e do exercício do poder a incessante apresentação de um imaginário social de unificação ideológica, cuja criação e recriação será papel do Estado, das escolas e universidades, dos meios de comunicação de massa e, agora, também das redes sociais e seus algoritmos. (Almeida, 2019, p. 35-36).

Ainda, sob o viés estrutural, Almeida (2019) traz o racismo como Processo Histórico, ou seja, que foi construído socialmente ao longo do tempo. O racismo se manifesta “de forma circunstancial e específica; e em conexão com as transformações sociais” (Almeida, 2019, p. 36). Portanto, o racismo é um fenômeno complexo que envolve variadas dimensões, com isso, torna as suas manifestações muitas vezes sutis.

Almeida (2019) traz quatro elementos que constituem o Racismo Estrutural: a ideologia, a política, o direito e a economia. A ideologia conforme o autor seria ideias falsas impregnadas

no imaginário das pessoas e incentivadas pela indústria cultural como, por exemplo, nas telenovelas onde as mulheres negras são sempre colocadas como domésticas e a de que os homens negros são sempre potenciais criminosos. Já na política o racismo não é apenas uma questão moral ou ética, mas também um instrumento de organização e controle do poder nas sociedades pelo Estado. Já o direito atua na consolidação e perpetuação do racismo estrutural. Para o autor, o racismo e o direito estão profundamente interligados, pois o direito, enquanto conjunto de normas e práticas institucionais, não é neutro. Ele reflete e reforça as desigualdades raciais presentes na sociedade. Por fim, o racismo na economia onde pessoas negras continuam sendo colocadas em posições menos favorecidas no mercado de trabalho, recebendo salários mais baixos e ocupando empregos precarizados.

Diante desse cenário de opressão, a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 pune todo tipo de preconceito ou discriminação racial. É um marco importante no combate à discriminação racial, uma vez que reconhece a gravidade dessas ações e busca assegurar os direitos fundamentais de todos os cidadãos. Apesar de sua importância, a efetividade da lei enfrenta desafios, como a subnotificação de casos de racismo, a dificuldade em provar a intenção discriminatória e a resistência cultural a mudanças por causa do racismo estrutural na nossa sociedade. O combate ao racismo, portanto, requer não apenas a aplicação da lei, mas também um esforço contínuo de educação e conscientização na sociedade. A seguir, discutiremos sobre discriminação racial: denominação, entendimento, manifestações e consequências sociais.

1.3 Discriminação racial: denominação, entendimento, manifestações e consequências sociais

A discriminação racial difere do conceito de racismo e preconceito. Enquanto o racismo é um sistema, a discriminação faz parte desse sistema e é um comportamento ou atitude que trata uma pessoa ou grupo de maneira injusta com base em suas características físicas, gênero, sua origem, entre outros. As consequências da discriminação afetam o bem-estar das vítimas, criando desigualdades e perpetuando ciclos de exclusão. Almeida (2019), conceitua discriminação racial como:

[...] é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. Assim, a discriminação pode ser direta ou indireta. A discriminação direta é o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial, exemplo do que ocorre em países que proíbem a entrada de negros, judeus, muçulmanos, pessoas de origem árabe ou persa, ou ainda lojas que se recusem a atender clientes de determinada raça. (Almeida, 2019, p. 23).

A discriminação racial direta, como descrita acima, envolve ações explícitas de exclusão ou repúdio a indivíduos com base em sua etnia ou origem. Exemplos extremos, como a proibição da entrada de pessoas com origens diferentes a países ou a recusa de atendimento em estabelecimentos, são formas de discriminação aberta e institucionalizada que ferem princípios básicos do direito humano. Já a discriminação indireta é conceituada pelo mesmo autor como:

[...]um processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada – discriminação de fato –, ou sobre a qual são impostas regras de “neutralidade racial” –sem que se leve em conta a existência de diferenças sociais significativas – discriminação pelo direito ou discriminação por impacto adverso. (Almeida, 2019, p. 23).

A discriminação indireta ocorre quando práticas, normas ou políticas aparentemente “neutras” afetam de forma desproporcional determinados grupos raciais, mesmo sem nenhuma intenção explícita de discriminar. Um exemplo pode ser o uso de políticas educacionais baseadas em zonas residenciais, que podem promover segregações raciais já existentes, pois grupos minoritários, muitas vezes, vivem em áreas com menos recursos. Como resultado, os estudantes desses grupos têm menos acesso a escolas de qualidade. Portanto, diferente da discriminação direta, que é aberta e visível, a discriminação indireta é sutil e muitas vezes passam despercebidas, mas seus efeitos podem ser desastrosos. A discriminação tem outras definições:

[...] é importante dizer que é possível falar também em discriminação positiva, definida como a possibilidade de atribuição de tratamento diferenciado a grupos historicamente discriminados com o objetivo de corrigir desvantagens causadas pela discriminação negativa – a que causa prejuízos e desvantagens. Políticas de ação afirmativa – que estabelecem tratamento discriminatório a fim de corrigir ou compensar a desigualdade – são exemplos de discriminação positiva. (Almeida, 2019, p. 23-24).

Portanto, o objetivo da discriminação positiva é principalmente nivelar o campo de oportunidades, permitindo que indivíduos pertencentes a grupos historicamente excluídos possam competir em igualdade de condições com aqueles que não enfrentam os mesmos obstáculos e como exemplo temos a existência das cotas como um exemplo de política pública de reparação histórica muito importante para a sociedade. Uma forma de evidenciar as potencialidades, saberes, fazeres de um povo historicamente subjugado e inferiorizado. Mais adiante, trataremos sobre o preconceito racial trazendo aspectos relevantes como concepções, perceptivas e seus impactos na sociedade.

1.4 Preconceito: concepção, natureza e impactos nas relações sociais

O preconceito é uma questão complexa e prejudicial que afeta profundamente as relações sociais, culturais e individuais. Isso ocorre quando alguém julga ou discrimina outra pessoa ou grupo com base em características como cor de pele, deficiências, origem, gênero, religião, orientação sexual ou classe social, entre outros, sem realmente conhecer ou entender essas pessoas. Almeida (2019), define preconceito racial como:

[...] é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. (Almeida, 2019, p.22).

O preconceito reflete ideias arraigadas e equivocadas sobre indivíduos ou grupos, muitas vezes resultando em atitudes de intolerância, marginalização e discriminação. Esses estereótipos têm origem em longos processos históricos e culturais, muitas vezes alimentados por colonizações, guerras, e sistemas de opressão como o escravismo e o imperialismo, que fortaleceram a criação de hierarquias raciais.

Combater o preconceito exige educação, empatia e diálogo. A conscientização sobre a diversidade e a promoção de valores como respeito e igualdade são passos importantes para reduzir essas barreiras. No entanto, lidar com o preconceito requer esforço contínuo, já que ele está profundamente enraizado em muitas estruturas sociais e institucionais. Acerca do preconceito, Lima (2020) explica que três aspectos principais do preconceito são destacados na psicologia social:

1)O preconceito é simultaneamente individual e grupal;2) O preconceito é contextual: Trata-se de uma “atitude-em-contexto”, contingenciada pelas normas sócio-históricas vigentes e pelos interesses envolvidos nas relações. Tais aspectos definem o modo como ele se expressa, se velado ou flagrante e, mais que isso, determinam o seu conteúdo e intensidade. Ele atua como uma norma social, as pessoas manifestam preconceito na mesma medida do quanto ele é aceito em cada contexto (Stangor, 2009); 3) O preconceito é relacional. Depende do tipo de minoria envolvida e da distribuição de poder nos planos interpessoal e intergrupal da relação estabelecida. (Lima, 2020, P. 25).

Esses três aspectos fornecem um panorama abrangente da complexidade do preconceito, destacando a necessidade de analisar suas diversas camadas: as influências internas e externas sobre o indivíduo, o papel do contexto histórico e social, e as dinâmicas de poder que moldam as relações entre grupos majoritários e minoritários. Compreender o preconceito a partir dessas perspectivas é crucial para desenvolver estratégias de combate, que não se limitam ao nível individual, mas envolvem mudanças sociais mais amplas. Após os conceitos aqui abordados aprofundaremos no próximo capítulo o conceito de literatura buscando compreender sua importância para a formação do indivíduo e da sociedade.

2 LITERATURA INFANTO-JUVENIL AFRO-BRASILEIRA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

Neste capítulo, será discutido inicialmente o conceito de literatura infantil, sua atuação, objetivo e sua importância na infância, assim como o seu impacto na educação. Além disso, também abordaremos a literatura na perspectiva afro-brasileira.

2.1 Definição de literatura infantil e sua finalidade na educação

A literatura infantil desempenha um papel essencial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Ela desperta nas crianças a curiosidade, imaginação, autonomia e o senso crítico e, além disso, o hábito de leitura. É por meio da literatura que elas melhoram e ampliam seu vocabulário. Para Coelho (2000):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível / impossível realização... (Coelho, p. 27, 2000).

A literatura infantil transcende uma simples função de entreter, ela é uma forma de arte que reflete a complexidade da experiência humana. Ao mesclar o imaginário com o cotidiano, ela permite que as crianças explorem emoções, valores e a realidade de maneira lúdica e acessível. Os contos, fábulas e histórias infantis não apenas alimentam a imaginação, mas também promovem o desenvolvimento cognitivo e emocional, ajudando as crianças a compreenderem o mundo ao seu redor e a lidarem com suas próprias vivências.

Sobre a definição de literatura infantil os autores Soriano (1975) citado por Coelho (2000) definem:

A literatura infantil é uma comunicação histórica (localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor-adulto (emissor) e um destinatário-criança (receptor) que, por definição, ao longo do período considerado, não dispõe senão de modo parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta. (Soriano, n. p. 1975 apud Coelho, p. 27, 2000).

A literatura infantil atua como um canal de comunicação entre adultos e crianças, permitindo que os adultos transmitam valores, ensinamentos e experiências de vida de forma acessível e envolvente. Por meio de histórias, os adultos podem abordar temas complexos, como amizade, respeito, coragem e diversidade, usando uma linguagem que ressoe com a sensibilidade da criança.

Com base nisso, uma das concepções de literatura infantil é de que são livros infantis geralmente produzidos por adultos para crianças com objetivos pedagógicos. As histórias

estimulam a imaginação e a reflexão, permitindo que as crianças compreendam e façam perguntas sobre o mundo. Assim, a literatura infantil se torna uma ponte entre gerações, enriquecendo o entendimento mútuo e promovendo um espaço de aprendizado e crescimento compartilhado.

Conforme Coelho (2000), a literatura infantil pode ser um poderoso instrumento de transformação social, pois tem o potencial de influenciar a formação de valores e a percepção do mundo nas crianças desde cedo. Ela desempenha um papel crucial na construção de identidade nas crianças, atuando tanto no ambiente familiar quanto na escola. Ao promover o convívio entre leitor e livro, a literatura não apenas entretém, mas também instiga a curiosidade, a imaginação e o pensamento crítico. Portanto, quando entra em cena uma literatura engajada nas questões raciais ela pode ser entendida como “[...]uma resposta aos mecanismos de silenciamento e desqualificação daquilo que é produzido pelas/os afrodescendentes.” (SOUZA, 2019, p.59).

Na escola, o diálogo entre leitor e texto pode ser mediado de diversas maneiras, estimulando discussões que vão além da narrativa. Isso permite que as crianças reflitam sobre temas relevantes, desenvolvam empatia e se tornem mais conscientes do mundo ao seu redor. Através das histórias, elas aprendem sobre diferentes realidades e culturas, construindo uma visão mais ampla e inclusiva da sociedade.

A escola é esse ambiente propício de aprendizagem e deve adotar medidas para uma educação antirracista e a literatura é uma ferramenta rica e indispensável na escola para trabalhar as questões étnicos – raciais, pois como explica Souza (2019, p. 62) “A literatura afrodescendente e/ou outras literaturas que retratem outros povos, culturas e conhecimentos podem ajudar na desconstrução dessa configuração social que exclui e desqualifica aquela/e considerada outra/o.” Desta forma ao apresentar narrativas que valorizam diferentes culturas e experiências, a literatura afrodescendente, em particular, desempenha um papel crucial ao oferecer representações positivas de pessoas negras, combatendo o racismo e promovendo a autoestima

Além disso, documentos oficiais que regem a educação como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) assegura o uso da literatura infantil na educação, pois:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. (RCNEI, 1998, p.143).

Dessa maneira, a literatura é de suma importância no cotidiano escolar das crianças, pois amplia a visão de mundo delas fazendo com que elas conheçam outras formas de viver e outras culturas e aprendam a valorizá-la e respeitá-la e, além disso, fortalece sua identidade e sua capacidade de interagir com o mundo ao seu redor.

Outro documento que discute a importância da literatura é a BNCC (2017), que esclarece o seguinte:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. (Brasil, 2017, p.42).

Além de transmitir valores e conhecimentos, a literatura infantil incentiva a imaginação, permitindo que as crianças explorem cenários fictícios e experimentem novas possibilidades de pensar e agir. Esse exercício de criatividade está diretamente ligado ao desenvolvimento do senso crítico, pois instiga a criança a imaginar soluções e refletir sobre os impactos de suas ações. Mais adiante, trataremos da literatura na perspectiva afro-brasileira.

2.2 Literatura na perspectiva afro-brasileira

A literatura afro-brasileira tem construído uma rica e longa trajetória desde meados do século XVIII até os dias atuais, possuindo profundas raízes em nossa história, essas produções literárias que abordam temas como escravidão e suas consequências, desafia as narrativas dominantes contribuindo então para a construção de uma identidade cultural mais plural. A definição de literatura afro-brasileira de acordo com Ianni (apud Cavalcante, 2017, p. 88), se trata de “um sistema de obras, autores e leitores articulados em torno de uma problemática, um imaginário povoado de construções, imagens, figuras ressoando o drama épico do negro brasileiro”. Sendo assim, conforme cita o autor, a literatura afro-brasileira não pode ser denominada apenas como simples produções literárias, se trata de um sistema complexo e interligado, que une autores, leitores e obras entre si, criando um universo literário próprio, nesse sistema se reflete a longa e árdua experiências e lutas do povo negro no Brasil.

Desta forma o autor cita que:

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afro-descendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do

movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. (Duarte, 2010, p.113).

Desta maneira como cita o autor, a década de 1980 marca um período de transição política e cultural no Brasil, com a redemocratização e a intensificação das lutas sociais. Nesse contexto, a literatura afro-brasileira emerge como uma expressão artística e política fundamental, contribuindo para a construção de uma identidade negra mais forte e visível, por isso o aumento da identificação de autores com a afrodescendência.

Conclui-se que a literatura afro-brasileira não se limita apenas à uma esfera simplesmente artística, mas também desempenha um papel político, ao denunciar as desigualdades raciais e lutar por justiça social.

A literatura escrita por autores negros no Brasil que exaltasse a figura do negro passou por um atraso, visto que predominava a clássica literatura de domínio da cultura branca, ou seja, escrita de brancos retratando personagens brancos, então a presença de personagens negros esta remetida à desvalorização da imagem do negro, ou seja, o negro era retratado sob ópticas estereotipadas como escravo, serviçal ou criminoso, retratando o passado escravocrata, inferiorizando a cultura negra.

O cenário se encontrava da seguinte maneira no meio literário:

Na década de 1930 publicaram-se obras clássicas voltadas para compreensão da identidade brasileira, com destaque para análise do significado de sua composição racial. De um lado, Oliveira Vianna, com seus estudos fundados numa perspectiva de desqualificação do negro e defensora da miscigenação como estratégia para o embranquecimento da população. De outro, Gilberto Freyre que, em *Casa-grande & senzala*, ressignificou os estudos sobre as relações raciais brasileiras, apontando a positividade da cultura negra, embora numa perspectiva mitificadora. Ao utilizar o termo democracia racial, este tornar ia-se referência para compreensão da problemática racial no país, inclusive no sentido do escamoteamento de suas tensões. (Gouvea, 2005, p.83).

Como pontua a autora, a retratação da identidade brasileira que levaria em consideração elementos de composição do identitário brasileiro que por sua vez era diverso, não foi representado de maneira positiva. Os autores de obras literárias acima citados estavam comprometidos com ideias racistas e eugenistas que predominavam naquela época, contribuindo para o aumento de práticas preconceituosas raciais e um obstáculo para o progresso da sociedade brasileira.

O autor Oliveira Vianna na sua obra “Raça e Assimilação” (1932) defendia a miscigenação da população como algo natural e acreditava que em dado momento causaria o “embranquecimento” do povo, e reforçou preconceitos raciais ao desqualificar o negro e sua

cultura como algo que representasse um impasse para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Já Gilberto Freyre na obra “Casa grande & Senzala” (1933) romantiza as relações raciais no Brasil, destaca a falsa harmonia existente nessas relações, entre diferentes etnias, para Gilberto o racismo era algo que não passava do imaginário do povo, ou seja, não existia.

Apesar de Freyre valorizar elementos da cultura africana e reconhecê-la como grande contribuinte para a formação da população brasileira, ele tinha uma visão muito idealizada sobre tudo, então desta forma culminou na negação acerca das desigualdades sociais e violências sofridas pelos negros, e ao falar de democracia racial negava a existência do racismo no Brasil e contribuiu também para a ocultação das tensões raciais vividas nessa época no Brasil.

Diante deste cenário se fazia necessário uma reformulação na literatura, principalmente a infantil. Segundo Gouvea (2005, p.83) “Por entre as décadas de 1920 e 1940 a questão racial tornou-se um tema recorrente em obras literárias ocorrendo a inclusão de personagens negros [...]”. Essas tendências tem se vinculado ao fato das transformações sociais e culturais ocorridas na época, e também pelo interesse crescente acerca da identidade nacional e valorização da diversidade cultural.

Um autor de destaque no universo literário infantil foi Monteiro Lobato, um dos mais importantes escritores brasileiros, ganhou notório destaque com sua obra mais famosa denominada “O sítio do pica-pau amarelo” o autor criou um universo encantador, em que objetos e personagens folclóricos convivem em harmonia. Entretanto, esta obra traz em si algumas polêmicas com relação à presença do afrodescendente na história, a saber:

Todos os episódios nas histórias do Sítio remetem à infância de Lobato, bem como à sua utilização da língua portuguesa, conforme o seu tempo. Grande parte das expressões depreciativas destinadas aos negros, não só no conto Caçadas de Pedrinho como em outras obras do autor é proferida pela boneca de pano, Emília, em seus momentos de rebeldia. Nesse sentido, destacamos que a boneca se tornou uma personagem querida entre a criançada, reforçando uma posição negativa do negro no imaginário infantil. (Paulo; Vieira, 2023, p.2)

Como visto, em suas várias obras do Sítio do Pica-Pau Amarelo além da “Caçadas de Pedrinho” há a presença da boneca de pano Emília, uma das principais personagens que em certos momentos expressa discursos racistas em sua maioria contra a personagem de Tia Nastácia. Lobato a retrata como a empregada doméstica, com base nos estereótipos racistas. O racismo evidenciado nas obras de Lobato é um reflexo da sociedade brasileira da época, que estava marcada por profundas desigualdades raciais e a naturalização de estereótipos negativos sobre a população negra. Desta forma, Lobato ao escolher uma personagem que se destaca no meio infantil, público passível de influência, para proferir discursos racistas, de certa forma,

contribuiu para a normalização do racismo uma vez que o imaginário infantil associa a figura do negro a esses estereótipos negativos, e o perpetua nas futuras gerações.

Atualmente existem vários autores de literatura infantil que escreveram e escrevem dando destaque a personagens negros valorizando-os e valorizando também a contribuição da cultura africana para formação da cultura brasileira como exemplo o livro *Meninas negras* (2021) da autora Madu Costa onde a autora exalta a beleza negra em especial a feminina, e ainda relata sobre a cultura africana e como os negros chegaram ao Brasil, é uma história infantil que contribui para o conhecimento dos leitores iniciantes e expande o repertório deles fazendo-os valorizar a cultura africana e valorizar a imagem do negro.

Na dissertação de Souza (2019) são elencadas algumas obras que também merecem destaque no universo literário infantil, com ano de lançamento e autoria responsável, são elas:

- *O Tabuleiro da baiana* (2006) Sônia Rosa;
- *Lulu adora a biblioteca* (2012) Anna McQuinn;
- *O cabelo de Cora* (2013) Ana Zarco;
- *Janaína já sabe contar* (2016) Geraldo Valério;
- *Betina* (2009) Nilma Lino Gomes.

Segundo a autora, as obras em destaque, revela uma rica diversidade de temas e abordagens que contribuem para a construção de uma literatura infantil mais inclusiva e representativa, exaltando a cultura afro e enaltecendo personagens afrodescendentes.

Ainda no estudo de Souza (2019) a mesma faz contribuições valiosas ao estudar o cenário editorial, apontando e analisando duas editoras especializadas na afrodescendência, são elas Pallas e Mazza Edições, destacando que:

Editoras contemporâneas como Pallas e Mazza Edições vêm se lançando no mercado com o objetivo de publicar e valorizar a escrita das/os afrodescendentes, bem como, aspectos direcionados a cultura, identidades, religiosidades das/os descendentes de africanos/as a partir das diásporas. (Souza, 2019, p.87)

Conforme cita a autora, essas editoras desempenham um papel fundamental no cenário literário promovendo e valorizando a cultura afro-brasileira, desta maneira contribuindo de forma significativa para o cenário cultural e literário do país, gerando impactos na formação de leitores e fortalecimento da identidade negra. A seguir, discutiremos os documentos legais que regem para uma educação antirracista.

3 DOCUMENTOS LEGAIS QUE TRABALHAM AS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos documentos legais que norteiam a educação antirracista para a educação básica destacando suas principais diretrizes, concepções e objetivos que buscam garantir efetividade no tratamento das questões étnico-raciais na educação escolar.

3.1 Constituição Federal de 1988

A Constituição Federal de 1988 estabelece diretrizes claras sobre a igualdade e a não discriminação. Este importante documento juntamente à Educação Antirracista estão interligadas em diversos pontos que visam garantir a promoção de uma sociedade mais justa, igualitária e menos preconceituosa. A referida Constituição estabelece inúmeras normas que tratam do combate ao racismo e ao preconceito reconhecendo-os como crimes e prevendo até severas punições aos que as desatarem. É o que consta no Art. 5º, incisos XLI e XLII sobre os- Direitos e garantias fundamentais:

Inciso XLI: A lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais.

Inciso XLII: A prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei. (Brasil, 1988, art. 5º).

Estes incisos refletem o compromisso da Constituição de 1988 com a promoção da reflexão da sociedade acerca da igualdade racial e o combate a todas as formas de discriminação étnica, além de garantir que o racismo seja tratado com seriedade que merece, com penas severas e irreversíveis. E para o contexto da Educação, em especial no primeiro ano do ensino fundamental, essas diretrizes são de suma importância para a formação de cidadãos conscientes e respeitosos com a diversidade que há na sociedade da qual fazem parte. Os principais dispositivos constitucionais acerca da educação estão nos Artigos 205º a 214º, presentes no Capítulo III- Da Educação, da Cultura e do Desporto. Assim, destacamos:

Educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1988, art. 205º).

No contexto da educação escolar, o ensino público de qualidade para todos constitui uma necessidade e um desafio essencial. Atualmente, existe um claro reconhecimento social de sua importância para o mercado de trabalho, o bom desempenho da economia e o desenvolvimento técnico-científico. Esse reconhecimento tem se traduzido em reformas e políticas educacionais implementadas em diversos países, com o objetivo de melhorar a

qualidade do ensino, mas também promover e garantir que todos os cidadãos tenham acesso a uma educação de excelência desde cedo.

Além disso, uma educação de qualidade é aquela em que a escola promove a todos o domínio dos conhecimentos essenciais e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis para atender tanto às necessidades individuais quanto sociais dos alunos. A implementação dessa legislação no ambiente escolar oferece uma oportunidade para discutir e promover a pluralidade cultural, fomentando um maior entendimento e respeito entre os estudantes.

A Carta Magna de 1988 dispõe que ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, promovendo assim o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural presente na construção da identidade nacional, abordando não apenas o enriquecimento ao entendimento histórico dos estudantes, mas também promover a inclusão e o respeito à pluralidade cultural tão presente no Brasil.

Portanto, a referida lei assegura que é direito de todos uma educação de qualidade que valorize as manifestações culturais e que combate o racismo promovendo assim a cidadania como visa também a lei nº 10.639/2003 a qual traz uma proposta antirracista para a educação com a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares de todo o país, como será discutido mais adiante.

3.2 Lei 10.639/2003: importância e sua finalidade

A educação antirracista é uma abordagem pedagógica cujo objetivo visa combater o racismo estrutural e promover a valorização da diversidade étnico-racial nas escolas e na sociedade. A Lei nº 10.639, sancionada em 9 de janeiro de 2003, é um marco importante na educação brasileira, pois tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira em todas as escolas públicas e privadas da educação básica. A lei tem como objetivo combater o racismo, valorizar a diversidade cultural e garantir o reconhecimento do papel da população negra na construção da identidade e da história do Brasil.

Segundo Araujo (2021) a lei representa um marco importante nas respostas institucionais às demandas históricas do movimento negro no Brasil. Com a implementação da Lei 10.639/2003 que foi sem dúvida um marco histórico para a educação em nosso país, que tornaria obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas de

educação básica, criou-se então uma legislação que se preocupa em combater o racismo, valorizar a diversidade e promover a igualdade racial no Brasil.

Em 2008 esta referida lei foi ampliada pela Lei 11.645/2008, que incluiu também a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena. Tal alteração visou ampliar o debate sobre a pluralidade cultural brasileira e reconhecer a contribuição dos povos indígenas na formação da identidade nacional. Alguns pontos que a referida lei busca é: evitar a invisibilização dos povos indígenas e enfatizar que a história do Brasil é formada por diversas matrizes culturais. Apesar da importância das leis, muitos desafios ainda existem para que sua plena implementação de fato ocorra como: a falta de formação dos professores pois nem todos estão preparados para abordar os temas de forma adequada e contextualizada e há também a resistência cultural e institucional que demonstram certa rigidez às mudanças relacionadas à diversidade.

É certo que a descolonização das práticas pedagógicas e dos currículos passam por uma mudança bastante significativa onde o cotidiano escolar está marcado pela persistência das relações e visões já colonizadas na realidade social. Gómez (2012, p. 105) chama a atenção para o impacto que a implementação da Lei 10.639/2003 nas escolas pode ter nesse aspecto:

Nesse sentido, a mudança estrutural proposta por essa legislação abre caminhos para a construção de uma educação anti-racista que acarreta uma ruptura epistemológica e curricular, na medida em que torna público e legítimo o “falar” sobre a questão afrobrasileira e africana. Mas não é qualquer tipo de fala. É a fala pautada no diálogo intercultural. E não é qualquer diálogo intercultural.

O ensino da história africana no currículo brasileiro é fundamental para a construção de uma educação mais inclusiva e plural, que reconheça e valorize a contribuição dos povos africanos para a formação da sociedade brasileira. Tradicionalmente, a história ensinada nas escolas tem um viés eurocêntrico, priorizando a narrativa dos colonizadores e relegando a história da África a uma posição marginal ou estereotipada. Esses conteúdos devem ser inseridos de forma transversal em diversas disciplinas, como História, Artes, Literatura e Sociologia. Nesse contexto, incluir a história africana e a cultura dos povos indígenas no currículo vai além da transmissão de conhecimento: trata-se de promover justiça histórica, combater o racismo e fomentar consciência crítica e cultural nos educandos.

Em seu Artigo 79-B, a lei 10.639/2003 inclui o dia 20 de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra”. A data, celebrada em 20 de novembro, homenageia Zumbi dos Palmares, que foi um líder quilombola e símbolo da resistência negra no Brasil. Ela reforça a importância de discutir questões raciais nas escolas e na sociedade. A data é um momento para conscientizar sobre a história da escravidão, as injustiças enfrentadas pela população

afrodescendente e a importância de valorizar a diversidade cultural. Muitas atividades, como palestras, debates, shows e eventos culturais, são organizados para celebrar a resistência e a identidade afro-brasileira, além de promover um futuro mais igualitário. Porém, é preciso lembrar que essas ações não devem estar atreladas unicamente a essa data comemorativa, pelo contrário precisam ser continuamente trabalhadas nas escolas durante todo o ano letivo, como assegurado pela lei em questão.

A Lei 10.639/2003 representa um avanço significativo na luta por uma educação mais inclusiva e plural no Brasil. Ela não apenas amplia o conteúdo curricular, mas também busca transformar a forma como a sociedade vê e valoriza a diversidade étnico-racial. No entanto, sua implementação plena ainda enfrenta obstáculos, demandando esforços contínuos de gestores, professores e comunidade escolar para garantir que essa conquista legal se traduza em uma prática pedagógica transformadora. Mais adiante trataremos sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

3.3 Desdobramentos da lei 10.639: outros documentos legais que tratam das questões raciais na educação escolar

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana foram estabelecidas pela Resolução nº 1 de 17 de junho de 2004, seguindo a Lei nº 10.639/2003. Essas diretrizes visam promover uma educação que valorize a diversidade étnico-racial, combate o racismo e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Documentos como o Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno na resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 - Resolução CNE/CP nº 1/2004 esclarece que:

A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004. (Brasil, 2004, art. 3º).

É de suma importância que os sistemas educacionais em articulação com as diretrizes incluem nos seus currículos conteúdos que abordem a diversidade envolvendo principalmente as relações étnico-raciais, pois somente com essa atitude é que podemos erradicar o racismo, preconceito e discriminações presentes na sociedade.

Ainda, de acordo com a Resolução CNE/CP nº 1/2004:

Os sistemas de ensino tomarão providências no sentido de garantir o direito de alunos afrodescendentes de frequentarem estabelecimentos de ensino de qualidade, que contenham instalações e equipamentos sólidos e atualizados, em cursos ministrados por professores competentes no domínio de conteúdos de ensino e comprometidos com a educação de negros e não negros, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes, palavras que impliquem desrespeito e discriminação. (Brasil, 2004, art. 5º).

A resolução em questão aborda de maneira efetiva e concreta um trabalho pedagógico acerca da diversidade étnico-racial, propondo o ensino de temas como educação e cultura onde valoriza a cultura afro-brasileira; o racismo, discriminação e preconceito o qual por meio de debates visa romper com toda forma de exclusão.

Outros documentos legais como Estatuto da Igualdade Racial Lei 12. 288 de 20 de julho de 2010, defende que:

Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. (Brasil, 2010, art. 1º).

O direito a oportunidades para pessoas negras é um aspecto fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Enfrentar as desigualdades históricas e estruturais requer um compromisso coletivo, envolvendo governo, sociedade civil e cidadãos, para garantir que todas as pessoas, independentemente de sua cor ou etnia, tenham acesso às mesmas oportunidades e direitos. A luta por igualdade racial é, portanto, uma luta por direitos humanos e dignidade para todos. Como afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais:

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raízes africanas e europeia. É preciso ter clareza que o Artigo 26-A acrescido à Lei nº 9.394/ 96 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas (Brasil, 2004, p. 8).

Dessa forma, é de extrema importância currículos antirracistas no contexto educacional, especialmente em sociedades marcadas por desigualdades raciais históricas e contemporâneas. Um currículo antirracista não apenas reconhece a diversidade étnica e cultural, mas também busca ativamente dismantlar estruturas de opressão e promover a equidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017 (Educação Infantil e Ensino Fundamental) e 2018 (Ensino Médio), também incorpora elementos para a promoção das relações étnico-raciais e da valorização das culturas afro-brasileira, africana e indígena. Ela

segue os princípios das leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, orientando como essas temáticas devem ser trabalhadas de forma transversal e interdisciplinar. Esses temas são trabalhados dentro da BNCC desde a educação infantil até o ensino médio.

Na educação infantil e como direito de aprendizagem a BNCC (2017, p. 38) explica “Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas”. Com base nisso, a convivência com diversas crianças e grupos é direito da criança para que ela possa conhecer a diversidade e respeitá-la.

De acordo com esse mesmo documento é direito de aprendizagem da criança:

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (Brasil, 2017, p. 38).

Comisso, é importante desde cedo promover experiências e proporcionar conhecimentos para as crianças afim de que elas possam construir suas identidades reconhecendo suas origens culturais. A identificação de uma criança como afrodescendente é um aspecto fundamental para seu desenvolvimento emocional, social e cultural.

No Ensino Fundamental a Base Nacional Comum Curricular pontua algumas competências que precisam ser trabalhadas. Como exemplo, a Competência-1, específica de Arte para o ensino fundamental menciona que:

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades (Brasil, 2017, p. 198).

Dito isso, o documento fala da importância de uma educação artística crítica e plural, valorizando tanto a fruição estética quanto a reflexão sobre produções culturais locais, indígenas e tradicionais. Propõe compreender a arte como fenômeno cultural, histórico e social, influenciado por diferentes contextos. Ao analisar manifestações artísticas de diversos tempos e espaços, promove-se o respeito à diversidade e o diálogo intercultural, formando cidadãos críticos, sensíveis e conscientes da riqueza cultural que os cerca.

Conforme a BNCC (2017, p. 357), a Competência – 1, específica de ciências humanas para o ensino fundamental diz “compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos”. É importante o reconhecimento e respeito à diversidade em uma sociedade plural, pois além da compreensão das identidades diferentes é essencial para a convivência

democrática. Ao entender a si mesmo e o outro como sujeitos singulares, é possível desenvolver a empatia e combater preconceitos. Além disso, essa competência é crucial para a promoção dos direitos humanos, uma vez que garante a valorização das diferenças e fortalece a luta por equidade, justiça social e inclusão, pilares fundamentais para uma sociedade justa e harmoniosa.

Outro exemplo relevante contido na BNCC é a competência-1, específica de história para o ensino fundamental:

Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo. (Brasil, 2017, P. 202).

Portanto, entender como as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais se transformam e se mantêm ao longo do tempo permite perceber continuidades e rupturas que moldam a sociedade atual. Essa competência é essencial para promover e fomentar o posicionamento consciente e ativo, incentivando a participação dos estudantes na política.

Diante do exposto é possível perceber que os documentos legais, como Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, Base Nacional Comum Curricular, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o Conselho Nacional de Educação/Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2004, ampliam e enriquecem a discussão da diversidade racial, como forma de construir uma educação mais humana e aberta às diversidades, de fato, uma educação antirracista. O grande desafio é sua efetiva implementação, principalmente nos espaços escolares. No próximo capítulo será abordado o procedimento metodológico utilizado para essa intervenção.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentaremos o caminho metodológico percorrido para a implementação da proposta pedagógica. Serão descritos a caracterização e a tipologia da pesquisa realizada, além da metodologia adotada. Também abordaremos o contexto em que a pesquisa foi conduzida, os participantes envolvidos, os dados obtidos, os resultados encontrados e as análises efetuadas. Adicionalmente, será realizado um diagnóstico da realidade estudada, destacando os desafios e necessidades identificados na escola. Com base nesse diagnóstico, proporemos soluções alinhadas à proposta pedagógica desenvolvida.

4.1 Abordagem da pesquisa e seu contexto

Para tratar a questão apresentada neste trabalho, realizamos uma pesquisa de campo com uma abordagem qualitativa. Sobre esse tipo de abordagem, Marconi e Lakatos (2008) destaca que:

O método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados. A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento. (Marconi e Lakatos, 2008, p. 269).

A abordagem qualitativa é um método de pesquisa onde seu enfoque busca entender os fenômenos sociais e comportamentais com mais profundidade, explorando experiências, significados e contextos. Ao contrário da abordagem quantitativa, que se baseia em números e dados estatísticos, a qualitativa valoriza uma análise mais profunda e contextualizada da problemática, dessa forma, consideramos que a abordagem qualitativa consegue compreender de maneira mais aprofundada a dinamicidade do contexto escolar, lócus dessa pesquisa.

Diante do exposto, faz necessário conhecer apresentar o lócus da pesquisa e seus participantes. Assim, realizamos o presente estudo na escola EMEF Enoque Moura, localizada no município de Timon. Escolhemos uma professora da turma do primeiro ano do Ensino Fundamental para realizar entrevista. Além disso, realizamos algumas atividades práticas com os alunos da turma pesquisada. Todos esses aspectos serão detalhados mais adiante. A seguir trataremos sobre os procedimentos da coleta de dados.

4.2 Procedimentos de coleta de dados

Para compreender a realidade que estávamos pesquisando optamos pela pesquisa de campo, que segundo Lakatos e Marconi (2017):

Pesquisa de campo é que se utiliza com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos sobre um problema, para o qual se procura uma resposta, ou sobre uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, com o propósito de descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Ela consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los. (Lakatos e Marconi, p. 276).

Para a realização dessa pesquisa de campo, outros procedimentos foram realizados de maneira combinada, como a observação participante e entrevista semiestruturada, como forma de conhecer a realidade escolar. Primeiramente, começamos pela observação, seguindo o conceito de Lakatos e Marconi (2017, p. 287), que afirmam que “Consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo à comunidade quanto um membro do grupo [...]”. A observação durou três dias e teve como objetivo explorar a realidade em que pretendíamos intervir, buscando observar os seguintes aspectos: a dinamicidade da turma com a professora e entre eles, a quantidade de alunos afrodescendentes na turma, a quantidade de funcionários afrodescendentes no corpo docente, na gestão e na administração da escola, os recursos da sala de aula e os livros.

Após a observação, aplicamos uma entrevista com a professora da turma do primeiro ano do Ensino Fundamental do turno vespertino. A finalidade dessa entrevista era coletar informações e experiências da professora que possibilitassem um maior entendimento sobre suas práticas pedagógicas, tendo um olhar especial para o trato das questões raciais em sala de aula. De acordo com Lakatos e Marconi (2017):

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas, mediante conversação, obtenha informações a respeito de determinado assunto. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (Lakatos e Marconi, p.289).

Escolhemos a entrevista do tipo semiestruturada que de acordo com Laville e Dionne:

A entrevista semiestruturada oferece maior amplitude na coleta dos dados, bem como uma maior organização: está não estando mais irremediavelmente presa a um documento entrega a cada um dos interrogados. Por essa via, a flexibilidade possibilita um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores (Laville; Dionne, 1999, p. 188 a 189).

Assim, como forma de compreender a realidade que estávamos pesquisando, utilizamos uma combinação de técnicas de pesquisa, bem como atividades com as crianças com o objetivo

de conhecê-las e como entendem as diversidades. De maneira sucinta, elencamos os caminhos percorridos: observamos a turma para coletar dados do número de alunos, o ambiente da sala de aula, os livros infantis disponíveis na sala de aula, também as relações entre a professora e os alunos, as interações entre os alunos e a dinâmica em sala de aula. E posteriormente, realizamos uma entrevista com uma professora que leciona no primeiro ano do ensino fundamental.

Realizamos atividades com as crianças da turma durante as observações. Fizemos contações de histórias como a de "Sulwe; Meninas Negras; Uma princesa Diferente". Após cada contação de história foram realizadas atividades como a criação de autorretratos, onde as crianças teriam que desenhar suas características físicas. Também foi feita roda de conversa onde conversamos com elas sobre o que compreendiam sobre racismo, diversidade cultural e observamos se as mesmas se identificavam como pessoas afrodescendentes e, além disso, construímos com as crianças um painel com personagens afrodescendentes trabalhando com elas a importância da representatividade. Essas atividades foram realizadas com a finalidade de embasar nossa proposta pedagógica, conhecer a realidade para buscar alternativas e possibilidades.

O propósito dessas ações foi de obter informações substanciais e relevantes do nosso objeto de estudo, com a intenção de identificar se as crianças se reconheciam como afrodescendentes, se possuíam conhecimento sobre a diversidade racial, o racismo, se conheciam filmes, desenhos ou histórias com personagens protagonistas negros e também identificar se elas se sentiam representadas por esses personagens de forma positiva.

Durante as atividades utilizamos literaturas infantis que trabalham as questões étnico – raciais. Buscamos por meio da literatura trabalhar com as crianças a identidade e a valorização da cultura afrodescendente como também a autoestima e evidenciar que as diferenças existem e merecem ser respeitadas e celebradas. Com base nisso, a análise de dados teve como finalidade correlacionar os dados obtidos na pesquisa de campo com o referencial teórico da pesquisa, para assim formular uma proposta pedagógica respaldada na realidade e necessidade da escola que estávamos pesquisando.

Na organização e análise dos dados, nos baseamos na proposta de análise de conteúdo de Bardin (2011). Segundo a autora a análise de conteúdo é “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 2011, p. 37). Existem três fases para a organização de conteúdo segundo Bardin (2011), que são: pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados e a interpretação.

De acordo com Bardin (2011), a pré-análise é a fase inicial e preparatória da organização do conteúdo. Seu objetivo é definir o que será analisado, de que maneira, e quais caminhos metodológicos serão seguidos. Ela envolve: leitura flutuante: uma leitura inicial do material para se familiarizar com os dados, identificar ideias principais e possíveis categorias; Definição de Objetivos: Delimitação clara do que se quer investigar com a análise. Quais questões o estudo pretende responder? Preparação do material: consiste em organizar e sistematizar os dados para que possam ser explorados e analisados de maneira eficiente, como por exemplo, a anotação da entrevista feita. Exploração do Material, nesta fase, o pesquisador mergulha nos dados e realiza o desdobramento sistemático do conteúdo com base nos objetivos definidos. Depois de todas essas etapas, dá-se início a interpretação onde as informações coletadas e organizadas serão assimiladas, conectadas ao referencial teórico e gerar conclusões relevantes.

No capítulo seguinte será explorado o diagnóstico da escola, à qual foi o campo utilizado para a efetivação dessa intervenção.

5 DIAGNÓSTICO DA REALIDADE ESCOLAR: QUANDO A TEORIA ENCONTRA O PROBLEMA DE ESTUDO

Nesta parte da pesquisa, iremos apresentar o diagnóstico da escola, para tanto, começaremos trazendo diferentes teóricos que vão de encontro com o problema que estamos explorando. A ideia é trazer à conversa autores e conceitos fundamentais, conectando suas ideias aos desafios centrais do tema.

De acordo com Rosa (2020), ao longo da história do Brasil, as leis educacionais negaram aos negros o acesso à educação formal, contribuindo para o fortalecimento do racismo estrutural. Dessa forma, na escola a qual realizamos a intervenção pedagógica observamos resquícios dessa educação de exclusão onde no currículo da escola não é contemplado de forma plena e eficaz conteúdos que trabalhem a educação antirracista. E isso foi historicamente construído, naturalizado e está enraizado na educação brasileira. A ausência de conteúdos que abordem a história e a cultura afro-brasileira nas escolas, somada à falta de formação de educadores para tratar do tema, contribui para a manutenção de estereótipos e a legitimação de privilégios. Dessa forma, o Estado, ao negligenciar uma educação transformadora, colabora para a continuidade de um sistema que normaliza as desigualdades raciais e limita o acesso à justiça social.

Para Rosa (2020) o desrespeito e a desumanização que os povos originários e negros ainda enfrentam hoje são ecos das experiências traumáticas que esses grupos viveram ao longo da história nos ambientes escolares. Essa realidade se mantém nas práticas educativas atuais porque continuam reforçando a ideia de que a branquitude é o único padrão válido de identidade e pertencimento. Com base nisso, em nossa prática soubemos de casos de racismo entre os alunos dentro da escola, vimos também que alguns alunos negros não têm suas identidades afrodescendentes construída de forma positiva e isso é reflexo de uma sociedade racista que possui ainda um sistema educacional excludente e eurocêntrico.

Analisando a realidade da escola pesquisada vimos como é urgente uma educação antirracista e humanizadora. Conforme Freire (2005, p. 57):

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se a práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

A libertação dos oprimidos é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e humanizadora. Ao se libertarem, os oprimidos não apenas transformam suas próprias vidas, mas também questionam e reconfiguram as relações sociais, criando um ambiente propício ao

diálogo, à igualdade e à emancipação coletiva. Assim, a libertação não é apenas uma necessidade individual, mas um passo essencial para a transformação coletiva. Com isso, somente por meio de uma educação antirracista e humanizadora que os alunos vão tomar consciência das suas realidades, questioná-las e posteriormente buscar reconstruí-las de forma humana.

Dessa forma, entendemos que a literatura infantil pode ser uma grande aliada na construção dessa educação. Sobre a importância da literatura infantil antirracista na escola, Oliveira (2023) diz que:

A literatura infantil vem rompendo com as representações que inferiorizam as pessoas negras, suas histórias e culturas. As obras literárias afro-brasileiras estão ocupando espaços nas escolas, mesmo ainda de forma lenta, onde são mostradas situações comuns do cotidiano do povo negro, histórias, culturas, religiões, com o objetivo de enfrentar o preconceito e discriminações, visando no resgate a identidade étnico-racial, valorizando a oralidade africana, suas tradições culturais, religiosas e mitológicas. Tudo isso tem sido mobilizado sobretudo nos últimos anos devido a exigência da Lei nº 10.639/2003, que obriga o ensino da história, da cultura e literatura afro-brasileira no ensino básico, mesmo as escolas limitando e restringindo às crianças o acesso acerca do conhecimento e vivência com as temáticas étnico-raciais e da Literatura Infantil Negra. (Oliveira, p. 08, 2023).

Conforme mencionado pelo autor, e fazendo relação com a escola a qual realizamos a prática, observamos que dentro da sala de aula possuía livros dessa temática, porém uma quantidade insuficiente. Dito isso, a literatura infantil antirracista é algo fundamental no primeiro ano do ensino fundamental para que as crianças negras possam construir suas identidades afrodescendentes, bem como, entender as diversidades existentes no mundo e a importância do respeito às diferenças, beneficiando não só as crianças negras, mas também, as crianças brancas. Os livros é uma das ferramentas mais poderosas para sanar as práticas de racismo, discriminação e preconceito entre os pequenos, pois ao mesmo passo que educa também diverte as crianças.

Oliveira (2023) argumenta que:

Introduzir a literatura afro-brasileira no currículo escolar é quebrar com todo modelo educacional eurocêntrico, que está sempre valorizando e beneficiando a cultura do branqueamento, pondo o/a negro/a numa perspectiva de subalternidade e inferioridade. Foi também com o objetivo de romper com essa imposição literária branca, que autores e autoras negros/as passaram a escrever e publicar suas obras como meio de subjetivação, valorização e determinação cultural, envolvendo um resgate da ancestralidade e das identidades negras. (Oliveira, p. 09, 2023).

Dessa forma, um dos meios que utilizamos na intervenção para trabalhar com as crianças a educação antirracista foi à literatura e ao buscarmos essas literaturas priorizamos alguns escritores negros, pois ao usarmos livros infantis que tratem sobre esse tema e que sejam

escritos por esses autores, rompemos com a cultura eurocêntrica e possibilitamos que suas vozes ecoem. Portanto, uma das práticas antirracista que o sistema educacional precisa adotar ao escolherem livros infantis é sempre priorizar autores negros como também autores indígenas e principalmente livros que trazem questões étnico-raciais para serem trabalhados dentro da sala de aula e que não seja algo isolado e restrito ao dia da Consciência Negra, mas que seja discutido durante o ano letivo com turma. A seguir, apresentaremos as experiências vividas no ambiente escolar, detalhando o local da pesquisa e descrevendo os participantes envolvidos

5.1 DESCRIÇÕES DO CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA

O campo para construção e desenvolvimento dessa pesquisa foi uma escola municipal, localizada no bairro Formosa no Município de Timon-Maranhão. A escola tem funcionamento nos turnos manhã, tarde e noite. A mesma atende o Ensino Fundamental anos iniciais e finais do ensino regular e também o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). É uma escola com tamanho médio e com salas climatizadas, acessibilidade e espaços básicos que supre a necessidade dos alunos e demais colaboradores. Os participantes da pesquisa foram uma professora do primeiro ano do Ensino Fundamental do turno da tarde e os alunos dessa mesma turma, com idades entre seis e sete anos.

Assim, torna-se viável obter informações relevantes para a pesquisa ao investigar apenas uma amostra reduzida de sujeitos, uma vez que é inviável abarcar todos os indivíduos significativos para a investigação, como por exemplo, todas as turmas da referida escola. Essa abordagem justifica a escolha de focar em apenas uma turma, mais especificamente, uma professora do primeiro ano do Ensino Fundamental e seus alunos.

5.2 DESCRIÇÃO DO CONTEXTO EDUCACIONAL DA ESCOLA

Esta seção tem como objetivo diagnosticar a realidade da escola em estudo, analisando os elementos presentes nesse contexto como recursos didáticos, perfil dos alunos, práticas pedagógicas e desafios enfrentados pela professora. Este diagnóstico busca compreender a situação atual da instituição, identificando suas potencialidades e fragilidades, para subsidiar as propostas e reflexões apresentadas ao longo do trabalho.

5.2.1 Observação dos recursos da sala de aula

Nessa parte da pesquisa, iremos detalhar alguns aspectos observados, iniciaremos com os recursos da sala de aula. Observamos que havia alguns recursos didáticos e/ou livros de literatura infantil sobre temática racial. Apesar de ainda ser pouco recurso, é uma evolução surpreendente possuir representatividade negra na sala de aula para as crianças. Observamos como mostra na (figura 1) um cartaz de sílabas complexas onde o mesmo tinha a imagem de uma menina negra e uma menina branca.

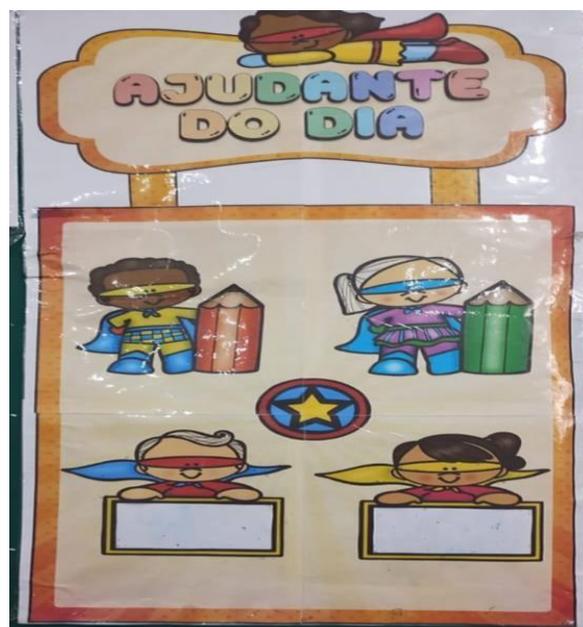
Figura 1 - Painel de sílabas complexas

A		E		I		O		U	
BR	BRUKA	BR	BRU	BR	BRU	BR	BRU	BR	BRU
CR	CRAYO	CR	CRU	CR	CRU	CR	CRU	CR	CRU
DR	DRONE	DR	DRU	DR	DRU	DR	DRU	DR	DRU
FR	FRIO	FR	FRU	FR	FRU	FR	FRU	FR	FRU
GR	GRUPO	GR	GRU	GR	GRU	GR	GRU	GR	GRU
PR	PRINCEZA	PR	PRU	PR	PRU	PR	PRU	PR	PRU
TR	TREM	TR	TRU	TR	TRU	TR	TRU	TR	TRU
VR	VERDE	VR	VRU	VR	VRU	VR	VRU	VR	VRU
BL	BLUSA	BL	BLU	BL	BLU	BL	BLU	BL	BLU
CL	CLARA	CL	CLU	CL	CLU	CL	CLU	CL	CLU
FL	FLORA	FL	FLU	FL	FLU	FL	FLU	FL	FLU
GL	GLOBO	GL	GLU	GL	GLU	GL	GLU	GL	GLU
PL	PLANTA	PL	PLU	PL	PLU	PL	PLU	PL	PLU
TL	TATUZA	TL	TLU	TL	TLU	TL	TLU	TL	TLU
CH	CHUVA	CH	CHU	CH	CHU	CH	CHU	CH	CHU
NH	NINHO	NH	NHU	NH	NHU	NH	NHU	NH	NHU
LH	LHAMA	LH	LHU	LH	LHU	LH	LHU	LH	LHU
GU	GUARDA	GU	GUU	GU	GUU	GU	GUU	GU	GUU
QU	QUADRO	QU	QUU	QU	QUU	QU	QUU	QU	QUU
AM	AMIGO	AM	AMU	AM	AMU	AM	AMU	AM	AMU
AN	ANJO	AN	ANU	AN	ANU	AN	ANU	AN	ANU
AR	ARREDO	AR	ARU	AR	ARU	AR	ARU	AR	ARU
AS	VESTIDO	AS	ASU	AS	ASU	AS	ASU	AS	ASU
AL	NATAL	AL	ALU	AL	ALU	AL	ALU	AL	ALU
NS	NUVEM	NS	NSU	NS	NSU	NS	NSU	NS	NSU

Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Havia também outro cartaz (figura 2) em forma de Poster com o título: “ajudante do dia”, onde aparecem duas crianças negras, um menino e uma menina. Veja:

Figura 2 - Cartaz ajudante do dia



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Observamos também cards (Figura 3) em tamanho grande dos numerais que aparecem apenas dois desenhos de crianças negras (no numeral 5 e 8). Confira:

Figura 3 - Numerais 5 e 8



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

E, com relação aos livros, viu-se que apenas dois estavam expostos no “cantinho da leitura”, (Figura 4) que traziam imagens de personagens negros. Observe:

Figura 4 - Literaturas do "cantinho da leitura"

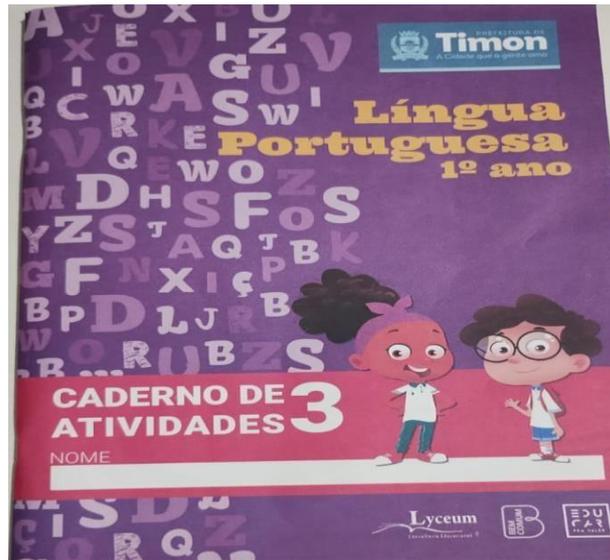


Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Nesses livros de literatura, algo nos chamou a atenção, um deles era um clássico da literatura infantil eurocêntrica como “A Bela Adormecida”, só que a personagem principal tinha

uma representação diferente, a cor da pele escura e longos cabelos negros. Já o terceiro (Figura 5) tratava-se de um caderno de atividades de Língua Portuguesa e que trazia a imagem de duas crianças: uma menina negra e um menino com a cor da pele clara. Confira abaixo:

Figura 5 - Caderno de atividades



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Diante das observações, percebemos que os recursos da sala, bem como os cartazes que compõem a ambientação do espaço, já apresentam indícios de mudança em relação à representatividade de crianças negras. No entanto, ainda estamos longe do que almejamos. Mais do que a simples presença de representatividade, é fundamental que ela seja efetivamente trabalhada, discutida e inserida cotidianamente nas práticas pedagógicas. Somente assim, alcançaremos uma educação verdadeiramente antirracista

5.2.2 Entrevista com a professora titular da classe

Após os dias de observação, demos início a uma entrevista com a docente desta turma numerosa de “27 alunos” do primeiro ano. A professora nos recebeu muito bem, nos deixando à vontade para fazermos nossa intervenção de forma tranquila e segura. A titular da classe estava todos os dias da semana naquela sala, exceto nas quartas-feiras, pois segundo ela, este dia era destinado ao planejamento. Para essa entrevista foram elaboradas cinco perguntas. Logo a seguir, apresentamos no Quadro 1 as perguntas e as respostas da docente:

QUADRO 1 - ENTREVISTA

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1°- Professora, você enfrenta algum desafio no momento de usar literatura infantil antirracista? Qual?	Enfrento sim. Porque como essa questão vem muito da família e aí os pais não esclarecem muito pra eles. Às vezes quando alguém ou algum deles sofre é que vão abordar esse assunto, mas pra conversar mesmo na sala é bem difícil porque essa base é que vem da família, explicando pra eles. Só quando tem uma intercorrência.
2°- Que tipo de literatura infantil as crianças tem mais acesso em sala de aula?	Geralmente são os clássicos. Mas é os clássicos.
3°- Os livros que tem na sala de aula foram disponibilizados pela escola ou foram trazidos por você para fazer leitura?	Pela escola, a maioria pela escola, porque eles ganharam a caixa literária esse ano que veio 270 livros.
4°- Quais critérios você utiliza ao selecionar obras literárias que promovam a diversidade racial e cultural, visando uma abordagem antirracista para o momento da leitura?	Geralmente quando eu vejo alguma situação na sala de aula aí eu já preparo a próxima aula já pensando no que aconteceu, em alguma palavrinha que eles falaram, alguma coisinha que aconteceu entre eles mesmos aí eu já vou usar o livro pra abordar algum tema.
5°- Durante os momentos de leitura com a turma, você percebe algum desconforto ou resistência por parte dos alunos ao ouvirem a leitura ou ver personagens com traços afrodescendentes? Se houver, como você lida com essa resistência?	Geralmente as crianças quando a gente vai falar sobre esse assunto aí eles já dizem logo: olha fulano de tal chamou, falou do cabelo, eles dão mais exemplos, eles participam bem.

Fonte: produzido pelas pesquisadoras, (2024).

Mediante as observações e questionamentos feitos à educadora mencionada, é evidente que a docente compreende a relevância de introduzir e discutir em sala de aula temáticas que vão além das exigências do sistema educacional. Nesse sentido, notou-se que, embora esteja ciente da importância e valor de usar literatura infantil com temas raciais e personagens afrodescendentes para promover uma educação antirracista, essa prática precisa ser muito mais utilizada no contexto educacional do 1º ano, e não apenas em situações eventuais do cotidiano escolar.

Outras perspectivas podem ser analisadas a partir da entrevista com a professora. Na primeira pergunta, por exemplo, é possível perceber que ela atribui à família a responsabilidade primária de trabalhar a valorização racial e o combate à discriminação. No entanto, sabemos

que é papel da escola discutir essas questões e possibilitar que as crianças aprendam sobre a história e a cultura dos povos afrodescendentes. Além disso, a escola deve incentivar a reflexão sobre a valorização racial, a diversidade étnica na formação do Brasil e a importância do respeito. Nesse contexto, a escola possui um papel sociocultural extremamente relevante. Segundo Dayrell (2007), a escola não é apenas um lugar de transmissão de conhecimentos, mas também um espaço de construção de identidades e de inserção social. Portanto, é fundamental que a escola entenda sua responsabilidade central no combate ao racismo e na promoção de práticas antirracistas.

Na segunda pergunta a professora deixa evidente que os livros que as crianças tem mais acesso são os clássicos, dessa maneira, Braga, Loureiro e Paula (2021), enfatizam sobre a relevância que os clássicos tem quando inseridos de forma descontraída na infância, pois uma boa história clássica contada pode ficar marcada na vida da criança e além de se tornar uma excelente bagagem, fomentará um bom desenvolvimento cognitivo nas etapas da infância.

Na terceira pergunta a educadora explica que a maioria dos livros apresentados para as crianças são livros entregues pela escola. Silva (2022) diz que o respaldo emocional dos pais no processo de desenvolvimento da leitura é crucial, pois a criança cria autoconfiança e conseqüentemente melhora o aprendizado. Dito isso, é de suma importância durante o processo de desenvolvimento da criança que a família estimule a prática de leitura. Diante do exposto, o único contato que as crianças dessa turma possuem com livros são quando os mesmos são entregues pela escola, portanto, é dever da família contribuir com o hábito de leitura.

Na quarta pergunta, a educadora diz que somente usa a literatura antirracista quando acontece alguma situação de preconceito dentro da sala de aula. Com base nisso, Gonçalves e Ivenicki (2021), explicitam que diante de tantas agressões racistas sofridas a educação antirracista se faz necessária no currículo constantemente e não ficar limitada apenas no dia da Consciência Negra. Portanto, a educação antirracista deve ser trabalhada todo o ano letivo e não somente quando acontecer alguma situação de racismo ou na data comemorativa de novembro, pois vivemos em uma sociedade que diariamente as pessoas pretas sofrem preconceitos e violências e discutir sobre a temática ao longo do ano com as crianças é fundamental.

Na quinta pergunta a professora afirma que durante as leituras realizadas sobre a temática antirracista os alunos sempre participam citando exemplos. Isso demonstra que quando estimuladas corretamente as crianças mostram interesse pela leitura o que oportuniza trabalhar sobre a diversidade com elas. Conforme Nascimento e Araújo, (2016, p. 295):

A escola tem atualmente um papel fundamental na formação de leitores literários, e não é só decodificando as palavras que os alunos leem; a qualidade da leitura está quando o educando consegue estabelecer relações entre o que lê e o que prática, assim a Literatura infantil destina sua composição para que a linguagem e os temas sejam relacionados ao universo infantil, com mensagens que ajudarão as crianças a decifrarem aos poucos das situações no mundo que as cercam.

Trazer leituras sobre a realidade dos alunos é fundamental para que eles possam se identificar e participarem, por isso na escolha da literatura os professores precisam conhecer sua turma para que a leitura seja produtiva e contribua no desenvolvimento infantil e amplie sua visão de mundo.

5.3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES FEITAS EM SALA DE AULA COM OS ALUNOS

Nesta seção o objetivo central será a descrição das atividades desenvolvidas juntamente com os alunos do primeiro ano, e entender como essas atividades contribuíram para o avanço do nosso estudo, e nos conduzirá a ter uma visão mais clara do nosso objeto de estudo.

5.3.2 Contação de história Meninas Negras

Ao iniciarmos a nossa pesquisa de campo tivemos um momento de apresentação, onde descrevemos o que seria feito na turma. Em uma primeira conversa com os alunos percebemos que ao serem perguntados sobre o que era racismo a maioria da turma não demonstrou saber o que era, logo em seguida, realizamos a contação de história do livro Meninas Negras da autora Madu Costa, o livro descreve de forma poética e delicada a identidade afrodescendente na infância, incentivando a autoestima e orgulho de suas raízes, o livro aborda também como os negros vieram forçadamente para Brasil e sob a condição de escravos, o livro a todo momento se refere a beleza da pele negra.

Apresentamos o livro físico para os alunos, mostrando a capa e estimulando a curiosidade, após realizara contação, sempre mostrando as ilustrações dos livros que eram bastantes coloridas e atraentes para o público infantil além de apresentar os personagens, fizemos perguntas relacionadas a história e por se tratar de uma história que fala sobre a beleza negra e a forma como era descrito os personagens falamos sobre representação também.

Após a contação da história foi realizado um exercício de autorretrato, onde os alunos foram incentivados a fazer uma representação de si mesmo em uma folha A4 devidamente preparada para a atividade, possibilitando que os alunos explorassem suas características físicas.

Foi observado que durante o exercício alguns alunos foram fiéis às suas características físicas, respeitando seus traços como cabelo crespo e cacheado, tom de pele, entre outros, entretanto outros alunos tiveram dificuldade em representar a si mesmo, usando tonalidades claras demais para o tom da pele real e desenhando cabelos lisos que não corresponde ao cabelo o qual possuíam.

Conforme observado em sala de aula, inferimos que é necessário o trabalho intensivo sobre as questões étnico-raciais, pois se trata de uma pauta que não é abordada no cotidiano das crianças que inclusive a maioria da turma possui traços afrodescendentes, portanto, é fundamental que elas tenham suas identidades trabalhadas, como sobre suas origens para que de fato ela seja construída e promova também o respeito a diversidade. Sobre essa questão da identidade racial, Ribeiro (2018, p. 6) menciona:

A sensação de não pertencimento era constante e me machucava, ainda que eu jamais comentasse a respeito. Até que um dia, num processo lento e doloroso, comecei a despertar para o entendimento. Compreendi que existia uma máscara calando não só minha voz, mas minha existência.

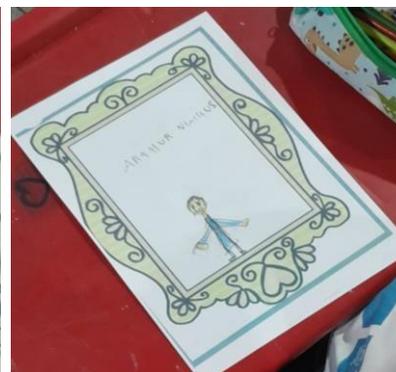
De acordo com a autora, compreende-se um momento de exclusão que uma criança com traços afrodescendentes pode sofrer, ela veste uma “máscara” metafórica para esconder o que para ela é defeito, essa máscara representa as diversas formas de autocensura e conformismo que se adota para se adaptar a ambientes hostis ou para evitar julgamentos. O momento do despertar para retirar essa máscara é um marco importante.

Logo em seguida, apresentamos nas Figuras 6, 7, 8 e 9 as produções dos estudantes:

Figura 6 - Produção



Figura 7 - Produção



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Figura 8 - Produção



Figura 9 - Produção



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

5.3.3 Contação de história da Sulwe

Como terceira atividade durante a pesquisa de campo tivemos a contação de história do livro “Sulwe” da autora Lupita Nyong’, o livro aborda de forma bastante profunda e sensível a autoestima da pessoa negra, e como os padrões impostos pela sociedade de se ter uma pele clara pode afetar a mentalidade de pessoas com pele negra levando-as a questionar a própria identidade e não enxergar beleza em si próprio, o livro ainda aborda o racismo praticado de forma direta com a personagem do livro.

Na contação de história apresentamos o livro e suas ilustrações para a turma que ficaram encantados com a beleza do livro, após a contação fizemos um momento de roda de conversa debatendo temas como aceitação, sentimento em relação ao texto, sobre o que passou a personagem, os alunos se envolveram bastante nesse momento de reflexão, demonstraram interesse, ao fim da história de "Sulwe", as crianças ficaram encantadas e inspiradas pelo poder da valorização da própria beleza. Algumas até se identificaram com os desafios enfrentados pela protagonista e foi possível ver alguns olhares de empatia com a jornada de autoconhecimento e autoestima que a personagem percorreu. Ao final da leitura, as crianças saíram com a mensagem de que a verdadeira beleza vem de dentro. O intuito desta contação foi abrir esse espaço para discussão destes problemas e conscientizar as crianças sobre a importância de aceitar e valorizar a diversidade. Sobre representatividade os autores citam:

Não é por acaso que, no cotidiano da Educação Infantil, as crianças pequenas idolatram marcadores da branquitude e reproduzem discursos acerca da superioridade branca. Durante as brincadeiras e as interações na creche, já ouvimos de crianças negras o desejo de serem brancas ou a autodeclaração como branca, mesmo quando eram pretas retintas. (CORREA et al., 2022, p.8)

Conforme afirmado pelos autores, esse desejo das crianças de serem brancas é consequência do padrão estabelecido pela sociedade que valoriza apenas características

eurocêntricas, isso se dá também pelo fato da ausência de representações positivas negras, principalmente em literaturas destinadas a crianças, neste sentido a escola desempenha um papel fundamental na desconstrução desses estereótipos e na promoção da autoestima das crianças negras. É preciso que seja ofertado um ambiente inclusivo e diverso, onde as crianças possam se sentir valorizadas e representadas. A leitura de livros como "Sulwe", que abordam a questão da identidade negra de forma positiva e afirmativa, pode ser uma ferramenta poderosa para promover a autoestima e o empoderamento dessas crianças.

5.3.4 Contação de história “Uma Princesa diferente?”

A quarta atividade se trata da contação de história do livro “Uma Princesa Diferente?” da autora Cristiane Sousa, o livro aborda de forma profunda a diversidade e representatividade que deveria existir nos contos de fadas tradicionais infantis que trazem em si normalmente personagens de padrão europeu. Apresentamos a capa do livro impressa para os alunos, e fizemos a contação explorando o livro que foi impresso, juntamente com os alunos.

Essa atividade gerou bastante curiosidade dos alunos em saber que não existe somente princesas brancas como os contos tradicionais repassam, durante a contação era possível ouvir “uau”, “olha aquela princesa” e “que diferente” da turma, ao fim da contação as crianças bateram palmas de maneira animada indicando o fascínio pela história, eles se encantaram em saber que existe princesas, e um universo de personagens fictícios diferentes,

Desta forma pontua-se mais uma vez a necessidade da representação de personagens afro-brasileiros. Essa contação abriu pauta mais uma vez para conversarmos sobre diversidade e representação do negro. Abaixo (Figuras 10 e 11) da referida contação:

Figura 10 - Contação de história "Uma princesa diferente?"



Figura 11 - Contação de história "Uma princesa diferente?"



Desta forma após a contação e como última atividade, fizemos a montagem de um painel com personagens afrodescendentes. Após os alunos terem experienciado a história de uma princesa diferente, indagamos aos estudantes se eles conheciam princesas, heróis, ou algum personagem de histórias, desenhos, enfim, de alguma produção que tivessem personagens negros, eles não souberam responder, deduzimos então que eles somente conheciam personagens de padrão eurocêntrico, então vimos a necessidade da montagem deste painel, desta maneira preparamos previamente uma cartolina e imprimimos personagens afrodescendentes de desenhos, filmes, séries, entre outros.

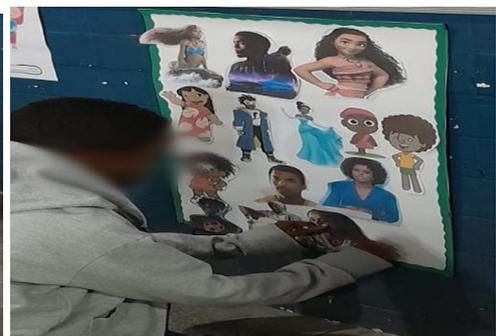
A atividade se deu da seguinte forma: de maneira sequencial, apresentamos as imagens impressas e fazíamos perguntas sobre os personagens, se os alunos reconheciam, então a turma demonstrou muito interesse e reconheceram parte dos personagens, principalmente os de desenho infantil. Percebe-se aqui que as crianças apenas não se lembravam do nome dos personagens, mas em algum momento viram a produção dos personagens apresentados.

Após a montagem do painel falamos sobre as características dos personagens, se os alunos se reconheciam naqueles personagens, comentamos também que eram personagens muito importantes na história, o intuito era fazer com que as crianças se sentissem representadas e percebessem que pessoas negras podem sim ter um lugar de grande destaque, pois como se observa em várias produções principalmente na literatura a desvalorização dos personagens negros que costumam ser representados de forma estereotipados, principalmente os do gênero feminino, são colocados em posições como empregados, ou ligados ao passado de escravidão, desta forma é fundamental que reconheçamos a urgência de transformar a narrativa da literatura infantil, combatendo o silenciamento e a “estereotipação” de personagens masculinos e femininas afrodescendentes. Ao oferecer representações mais justas e autênticas, podemos construir uma geração de crianças mais inclusivas e conscientes, capazes de valorizar a diversidade e desafiar preconceitos. Abaixo (Figuras 12 e 13) dessa atividade:

Figura 13 - Atividade painel de representatividades



Figura 12 - Atividade painel de representatividades



Durante o diagnóstico é perceptível que somente alguns alunos puderam se identificar com personagens negros de desenhos, filmes, e livros. Dessa forma, é necessário ainda o trabalho com a educação antirracista na escola. Essa falta de representação pode gerar nas crianças consequências negativas na autoestima e no desenvolvimento da identidade afro-brasileira e pode influenciar negativamente na sua formação de opinião com relação a diversidade. A apresentação dessas literaturas contribuirá para a construção da identidade dos estudantes, fortalecendo a autoestima.

Diante dessas observações e atividades, torna-se evidente a necessidade de uma intervenção mais robusta na turma para fomentar uma educação antirracista através da literatura. A utilização de histórias com protagonistas afrodescendentes e temas que desafiem estereótipos raciais é crucial para ampliar a percepção das crianças sobre a diversidade e a igualdade. Essas intervenções devem ser contínuas e integradas ao currículo, garantindo que a representatividade e a valorização da cultura afro-brasileira sejam elementos permanentes nas práticas pedagógicas. Só assim, poderemos construir uma educação verdadeiramente inclusiva e promotora de uma sociedade mais justa e igualitária.

Durante o diagnóstico observamos que há a inclusão de personagens, figuras e referências que representem a diversidade, mesmo sendo poucos como os livros literários, livros didáticos e cartazes da sala. Durante nosso trabalho fizemos questionamentos para a professora regente e para o auxiliar de sala, perguntamos como eles lidam com as situações de preconceito e racismo, a resposta dada foi que quando acontece sempre repreendem a prática. Percebemos que a turma interage muito entre si e sem exclusão alguma e com base nisso perguntamos para a professora se isso era comum, a mesma respondeu que algumas vezes há exclusão e preconceito entre os alunos, mas que quando isso ocorre ela dialoga com as crianças sobre respeito e pensa em uma atividade que possa aplicar para ajudar as crianças na compreensão da diversidade.

Outro questionamento foi se existem atividades ou projetos específicos voltados para a educação antirracista na escola e se no currículo da escola abordam a história e a cultura de diferentes grupos étnico-raciais e segundo a mesma, essa temática somente é trabalhada no dia da Consciência Negra. Indagamos para a educadora se na escola existiam ações políticas para lidar com os casos de racismo e discriminação racial, conforme a resposta, somente com os livros infantis antirracistas que lidam com essas questões.

Segundo a educadora no planejamento das aulas é incluído atividades voltadas para o trabalho das questões étnico-raciais, porém percebemos uma contradição, pois o currículo da escola não contempla uma educação antirracista e somente no mês de novembro que é

trabalhado a temática. Observamos que na ornamentação da sala não possui objetos de representatividade da cultura africana, mas somente alguns livros e bastante cartazes com desenhos de crianças de diferentes grupos étnico-raciais. Também percebemos que na escola e especificamente na sala que realizamos a intervenção, a maioria dos estudantes, possuem traços afrodescendentes bastante evidentes. De acordo com a professora, já aconteceu casos de racismo nas dependências da escola, mas que posteriormente foi resolvido. Ainda, de acordo com a professora, quando há atividades voltadas para trabalhar as questões étnico-raciais os estudantes participam.

A escola não possui projetos para trabalhar sobre a temática em questão e somente é discutido sobre isso no dia 20 de novembro que é o dia da Consciência Negra. A escola possui muitos alunos afrodescendentes matriculados. Nessa EMEF todo o corpo docente e toda a gestão são pessoas afrodescendentes. Notamos que a maioria da turma não sabia o que era o racismo, pois quando perguntamos, somente duas crianças levantaram as mãos, logo concluímos que é uma questão não trabalhada na sala de aula. Questionamos a turma se eles assistiam filmes com personagens negros, a maioria disse que sim, porém poucos souberam citar exemplos. As crianças relataram que não conheciam livros infantis antirracistas. A turma relatou episódios de racismo na sala de aula, onde uma criança falou mal do cabelo de outra criança por ser cabelo crespo. Por fim, quando perguntamos para a turma sobre suas características físicas as mesmas afirmaram que gostam delas. No capítulo a seguir iremos explicitar toda a proposta desenvolvida para esta intervenção.

6 A CARACTERIZAÇÃO DA PROPOSTA

Neste capítulo será apresentado os objetivos da proposta, a base teórica que orienta a compreensão do objeto de pesquisa, os sujeitos alvos da proposta, os instrumentos e os recursos a serem utilizados.

6.1 Apresentando o objetivo da proposta pedagógica de intervenção

A proposta aqui apresentada é o resultado de uma pesquisa de campo realizada em uma escola municipal na cidade de Timon - MA. Tal estudo traz como objetivo geral compreender a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental e como objetivos específicos identificar a percepção de uma professora do Ensino Fundamental em relação ao uso da literatura infanto-juvenil; demonstrar o uso da literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental; e analisar as contribuições do uso da literatura infanto-juvenil como estratégia antirracista no primeiro ano do ensino fundamental. Esta abordagem tem como intenção não somente possibilitar que educadores façam uso da literatura com temática afrodescendente estrategicamente para conduzir educandos a uma educação antirracista, mas também investigar como essas leituras e histórias específicas são escolhidas e podem ser utilizados para promover o reconhecimento da diversidade, da representatividade e da própria consciência cultural entre as crianças.

Este é o cerne desta proposta de intervenção pedagógica: apresentar possíveis estratégias pedagógicas com o auxílio das literaturas infanto-juvenis antirracista para a inserção de temas africanos e afro-brasileiros na prática pedagógica dos educadores na educação básica das séries iniciais do ensino fundamental. É necessário rompermos com a pedagogia do silêncio sobre as relações étnico- raciais que impera na nossa educação.

Compreender a literatura infanto-juvenil implica analisar as obras literárias voltadas para crianças, considerando seus conteúdos, linguagens, personagens e narrativas. A ideia é identificar obras que representem a diversidade cultural, racial e social de forma positiva e respeitosa. Como estratégia pedagógica a literatura é vista como uma ferramenta de ensino, não apenas para trabalhar competências de leitura e escrita, mas também para fomentar debates críticos e reflexivos sobre questões sociais, como o racismo. Nesse sentido, o objetivo é explorar métodos e práticas que professores possam adotar ao usar essas obras em sala de aula.

6.2 Compreendendo a intervenção pedagógica em diálogo com a teoria

O pensamento filosófico africano tem muito que contribuir intelectualmente para a sociedade, pois tem uma riqueza inestimável a oferecer, especialmente por sua diversidade, profundidade e perspectiva única sobre o mundo. Esse pensamento traz reflexões profundas sobre ética, identidade, conexão com a natureza e a importância do coletivo, além de questionar as hierarquias impostas pela colonialidade. Dessa maneira:

O pensamento africano tem muito a oferecer não só para a África como para mundo. Para aqueles que se recusam a aceitar que existe tal coisa como o pensamento africano ou filosofia sem tomar tempo e esforço para analisar e entender, o que é a base da sua recusa? Se é sob o fundamento que ele não se encaixa nas ideias filosóficas ocidentais, linhas de categorias de inquérito e metodologia, quando e como será que o pensamento africano passará a ser conhecido em seus próprios termos? Se a base da recusa é por outra razão que é a base cultural ou contexto dessa terra? Nenhum conhecimento ou compreensão de mundo se desenvolve no vácuo. É um produto da cultura do qual se originou. Olhar para a filosofia africana para manifestações de ideias ocidentais é produzir a falácia, exceto na medida que a oferta é um reflexo da influência civilizadora dos europeus e americanos. (Tedla, 1995, p. 3).

Dito isso, os conhecimentos africanos sofrem um processo de exclusão de saberes chamado epistemicídio onde Carneiro (2005) explica que é um processo onde ocorre a subalternidade da produção de saberes produzidos por pessoas negras. Dessa maneira, a cultura e os conhecimentos europeus foram valorizados como superiores e universais, enquanto as contribuições dos povos africanos foram desconsideradas. Esse processo de exclusão foi sustentado por ideologias racistas que passou a tratá-las como inferiores ou inexistentes, contribuindo para a marginalização histórica desses saberes e na construção da identidade cultural. Essa desvalorização resultou em um apagamento das influências africanas.

Para trazer os conhecimentos africanos durante a intervenção da proposta pedagógica utilizamos Sequências Didáticas, como forma de possibilitar o uso da literatura antirracista de maneira organizada sistematicamente e aprofundada. Sobre essa estratégia pedagógica Zabala (1998) explicita que:

[...] a identificação das fases de uma sequência didática, as atividades que a conformam e as relações que se estabelecem devem nos servir para compreender o valor educacional que têm, as razões que as justificam e a necessidade de introduzir mudanças ou atividades novas que a melhorem. Assim, pois, a pergunta que devemos nos fazer, em primeiro lugar, é se esta sequência é mais ou menos apropriada e, por conseguinte, quais são os argumentos que nos permitem fazer esta avaliação. (Zabala, 1998, p.54-55).

Ao planejar ou revisar uma sequência didática, o educador deve adotar um olhar crítico e reflexivo, considerando tanto o que está funcionando bem quanto as lacunas ou melhorias possíveis. Isso implica um ciclo contínuo de planejamento, execução, avaliação e replanejamento, sempre com o foco no aprendizado do estudante. As sequências didáticas é uma ferramenta que pode ser utilizada pelo professor para organizar o conteúdo que se deseja ensinar, porém, como já mencionado a sequência didática possui fases para a sua elaboração e o educador precisa planejá-la criticamente.

Zabala (1998), explica que todas as etapas da sequência didática precisam colocar o aluno como protagonista, pois agindo dessa forma o professor motiva o aluno e é essa a função do professor, ser dinâmico durante todo o processo e ofertar meios que chamem a atenção dos alunos. Portanto, seu papel não é apenas transmitir conteúdos, mas criar um ambiente de aprendizagem que estimule a curiosidade, a autonomia e a interação, preparando os estudantes para se tornarem agentes do seu próprio desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Com base nisso, é por intermédio das sequências didáticas e da literatura que o professor irá trabalhar as questões étnico raciais que é de suma importância para o desenvolvimento da identidade afrodescendente das crianças. Dito isso, sobre o autorreconhecimento, Cruz e Nascimento (2022) afirmam que para que as pessoas negras desenvolvam o autorreconhecimento e a sua identidade seja fixada é fundamental que elas reconheçam de forma positiva as diferenças, pois reconhecendo a diversidade ela entende que a mesma é uma riqueza que fortalece as relações humanas, amplia perspectivas e contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa, onde todas as pessoas têm a oportunidade de expressar suas identidades e alcançar seu pleno potencial.

6.3 Conhecendo os participantes, instrumentos e recursos da proposta pedagógica

Os sujeitos-alvo da proposta serão os alunos do primeiro ano do ensino fundamental da faixa etária de seis anos de idade e a professora titular da turma da escola pública EMEF Enoque Moura localizada no município de Timon-MA. Eles estão no início do processo formal de alfabetização e apresentam características cognitivas e emocionais típicas dessa faixa etária, como curiosidade, desenvolvimento da linguagem e habilidades sociais. A professora responsável pela turma, que atua diretamente no planejamento e execução das atividades pedagógicas e desempenha um papel essencial no acompanhamento e registro das aprendizagens dos alunos.

Os instrumentos utilizados para a pesquisa foram: Observação, onde pudemos acompanhar o comportamento dos alunos durante as atividades da sequência didática como o engajamento, a participação e interação com os colegas. As práticas e estratégias pedagógicas da professora também foram registradas. Foi criado um roteiro para guiar as observações e um roteiro com as perguntas que foram feitas para a educadora. Além disso, também registramos as produções dos alunos: Trabalhos e atividades realizadas pelos estudantes durante a sequência didática (desenhos, pinturas, textos ou respostas a atividades propostas) serão analisados como parte dos dados. Outra técnica para coleta de informações foi a entrevista semiestruturada: Realizada com a professora para compreender suas perspectivas sobre o uso da literatura infantil antirracista.

A sequência didática foi uma estratégia a qual foi planejada para abordar o tema do antirracismo de maneira lúdica e educativa. Os recursos utilizados para a execução da intervenção pedagógica incluem: Materiais pedagógicos diversos como livros de literatura infantil antirracista, cuidadosamente selecionados para promover a diversidade, a igualdade racial e a empatia. Recursos humanos: As pesquisadoras, que atuaram como observadora e mediadora durante a execução das atividades; a professora titular da turma, que ajudou no processo apresentando suas perspectivas sobre a temática; os alunos, que participaram ativamente das atividades propostas. Recursos materiais: Espaço físico da sala de aula para as atividades. Materiais didáticos complementares (papel, lápis de cor, tintas, etc.) para as produções dos alunos. Equipamento para registro (celular) para documentar as atividades e as interações dos participantes, com o devido consentimento. Essa caracterização está alinhada com o objetivo de analisar como a literatura infantil antirracista pode contribuir para a formação de uma consciência social e racial nos alunos, bem como apoiar o trabalho da professora no desenvolvimento de práticas inclusivas.

6.4 A intervenção pedagógica ganha vida e cores: descrição e análise das ações desenvolvidas

Nesta seção da pesquisa, apresentaremos nossa proposta pedagógica intitulada “Intervenção Pedagógica ganha vida e cores”. Ela foi concebida e planejada com o objetivo de abordar a diversidade racial na turma, uma vez que, durante a etapa de diagnóstico da realidade escolar, percebemos que essa temática não era explorada de forma suficiente para promover uma educação antirracista. Além disso, consideramos mais adequado realizar a análise da

proposta junto com sua descrição, pois acreditamos que, dessa maneira, o texto ficará mais organizado, facilitando a leitura e a compreensão do leitor.

A nossa proposta de intervenção pedagógica foi realizada por meio de sequências didáticas e encontra-se fundamentada nos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas Diretrizes Curriculares para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004). Com o intuito de alcançar os objetivos até aqui propostos, todo o processo foi dividido em etapas detalhadas em quadros específicos, e após cada etapa devidamente explicada, será apresentada uma descrição mais aprofundada sobre as estratégias pedagógicas que serão utilizados em cada etapa, ainda destacamos os livros que irão servir como recurso didático para o desenvolvimento das atividades propostas.

A seguir apresentaremos o **quadro 2** voltado para a primeira ação nomeado de “Diferentes, mas iguais, a diversidade na pele” e refere-se às questões voltadas à pluralidade dos tons de pele possibilitando uma elucidação sobre a diversidade étnico-racial.

QUADRO 2: DEMONSTRATIVO DA 1ª AÇÃO

1º Ação	Diferentes, Mas Iguais, a diversidade na pele.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar a própria identidade e diferenças individuais; • Conscientizar sobre a diversidade étnico-racial; • Desenvolver a capacidade de reconhecer atitudes e falas racistas • Reconhecer a diversidade das cores entre os colegas e a importância do respeito e acolhimento
1º Livro Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Minha mãe é negra sim • Autora: Patrícia Santana • Ilustração: Hyvanildo Leite
2º Livro Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • A cor de Coraline • Autor: Alexandre Rampazo • Ilustração: Alexandre Rampazo
Campos de Experiências e Habilidades (BNCC)	<p>(Análise linguística/semiótica Alfabetização)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço (EF01LP26). <p>(corpo humano, Respeito à diversidade)</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • Comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças (EF01CI04). <p>(Oralidade)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor (EF15LP19). <p>(Leitura/Escuta (compartilhada e autônoma))</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade (EF15LP15).
<p>Procedimentos metodológicos</p>	<p>1º encontro: Mapear a percepção dos alunos a respeito do significado e das implicações da expressão “lápiz cor de pele” e do termo diversidade racial. A partir de então, iniciar a contação de história “Minha mãe é preta sim” apresentando capa e autora aos alunos, após a leitura promover uma discussão inicial sobre o que os alunos sentiram ao escutar a história, ouvir o posicionamento dos alunos e promover um debate sobre o termo “Lápis cor de pele” e diversidade racial, anotar as principais ideias no quadro.</p> <p>2º, 3º encontro: Reconto da história por meio de um pequeno cartaz que resuma a história e aborde os principais temas do texto. Roda de conversa com os alunos recordando personagens, cenários, enredo, entre outros elementos da narrativa, promover um debate mais aprofundado acerca da expressão “lápiz cor de pele” e da importância da identidade afro-brasileira na literatura e como o texto a representa.</p> <p>4º, 5º, 6º e 7º encontro: Iniciar a contação de história “A cor de Coraline”, promover debates e reflexões acerca da história enfatizando elementos da narrativa, em seguida incentivar o reconto da história por parte dos alunos, a seguir apresentar a roda das cores para a turma explicando as cores primárias, secundárias e terciárias, seguidamente propiciar atividades práticas como desenhos sobre algo que represente a cor favorita dos alunos além de trabalhar a mistura das cores para a obtenção de outros tons, então conduzir uma atividade reflexiva onde</p>

	por meio de um espelho o aluno observe sua própria cor de pele, cor de cabelo, cor dos olhos e ao final estabelecer uma roda de conversa com a turma sobre como as características variam de pessoa para pessoa e a importância de respeitar e valorizar as diferenças entre as pessoas.
Duração	Dois meses, divididos em 7 encontros. Carga horária por dia: 2 horas. Carga horária total: 14h

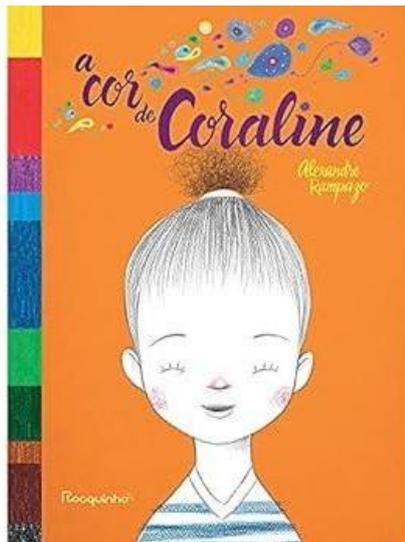
Fontes: BNCC (2017); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004). Organizado pelas autoras. (2024)

No **Quadro 2** apresentamos a primeira etapa da proposta pedagógica de intervenção denominada “Diferentes, Mas Iguais, a diversidade na pele.” Nesta etapa a finalidade é instigar a valorização da própria identidade, reconhecendo a diversidade étnico-racial existente entre as pessoas, respeitando e acolhendo essas diferenças, além de ter a capacidade de identificar possíveis situações e falas racistas, acerca deste último objetivo a ser alcançado nesta etapa Sobral (2024, p. 48) explica que “Existem expressões que são obviamente racistas, mas que estão entranhadas na nossa cultura. O desafio é identificá-las, por meio do aprendizado, e adotar uma linguagem antirracista, que consiga escapar desses dilemas raciais.” Segundo a autora, o racismo enraizado culturalmente faz parte do dia a dia e é um aprendizado contínuo saber identificá-lo e combatê-lo.

As atividades desenvolvidas para esta primeira etapa são fundamentadas nos livros “**Minha mãe é negra sim**” e “**A cor de Coraline**”. As obras trazem uma carga simbólica e significativa acerca de temas como raça, identidade, e representação no contexto literário infantil. No livro “Minha mãe é negra sim” o enredo é baseado na história do personagem principal Eno, que se vê em uma situação preconceituosa na escola partindo de sua própria professora, ao pedir que o menino colorisse um desenho de sua mãe com lápis de cor de tom claro sendo que sua mãe é negra, levando Eno a refletir o porquê desse pedido da professora.

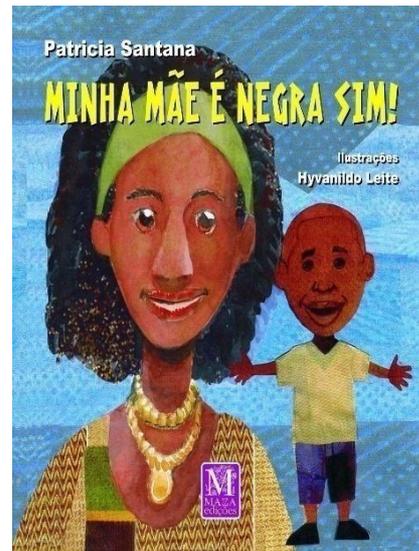
Abaixo, encontra-se (**Figuras 14 e 15**), a capa das obras a serem trabalhadas nesta etapa:

Figura 15 - Capa do livro
"A cor de Coraline"



Fonte: Capa do livro "A cor de Coraline"
Disponível em: >
<https://www.amazon.com.br/Cor-Coraline-Alexandre-Rampazo/dp/8562500763>.
Acesso em: 17 dez. 2024.

Figura 14 - Capa do livro "Minha mãe é negra sim!"



Fonte: Capa do livro "Minha Mãe é negra sim" Disponível em:
<https://www.amazon.com.br/Minha-m%C3%A3e-%C3%A9-negra-sim/dp/8571604452>.
Acesso em: 17 dez. 2024.

Essa primeira etapa da proposta pedagógica está elaborada para um período de dois meses, com 7 encontros durante esse tempo, cada encontro teve uma duração de 2 horas diárias, sendo assim, totalizando 14 horas nesta primeira etapa. O primeiro encontro se tratou de uma sondagem sobre como os alunos se sentem e se expressam a respeito de assuntos como diversidade racial e o termo "lápiz da cor de pele".

Após esse momento é feito a contação de história "Minha mãe é negra sim", por meio do uso do livro físico, e então ao final da história é realizado um momento de debate entre os estudantes sobre como se sentiram ao ouvir a história e se eles conseguem identificar a situação racista enfrentada pelo personagem, após abordar o assunto "lápiz da cor de pele" e direcionar a discussão no sentido de questionar se existe apenas a tonalidade clara pra representar a pele, e esclarecer sobre a pluralidade de tons de pele existente.

Inicialmente fizemos um diagnóstico sobre a realidade a qual os alunos da turma estavam inseridos. Dessa forma, percebemos que a maioria da turma não tinha conhecimentos sobre o conceito de racismo e seus impactos na sociedade. Elas também não possuíam letramento racial formado e a maioria das crianças não tinha sua identidade negra construída. A maioria da turma não conhecia filmes, livros, desenhos com personagens negros.

Posteriormente realizamos uma conversa com a professora titular onde notamos que ela não tinha o hábito de apresentar livros, filmes, atividades e vídeos que tratem sobre o racismo para as crianças e também analisando suas respostas notamos que na escola não há um

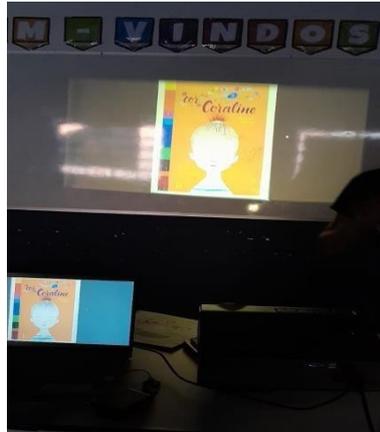
planejamento para que a temática seja trabalhada durante todo o ano letivo, exceto no dia da Consciência Negra. A professora demonstrou conhecer os documentos legais nacionais que tratem sobre as relações étnico-raciais e a sua importância para a educação antirracista. Portanto, há a negligência da temática na escola, visto que vivemos numa sociedade racista.

Com base nisso, realizamos a intervenção e durante o processo observamos o envolvimento e a interação das crianças sobre a temática. Durante as atividades e as contações de histórias as crianças participaram e interagiram bastante. Fizemos atividades como o desenho do autorretrato onde vimos que alguns não retratava seus traços verdadeiros, sempre buscavam desenhar e colorir crianças com traços eurodescendentes. Quando perguntamos sobre a cor do lápis de colorir no tom bege, todos falaram que a cor era “cor de pele”, deixando evidente que para as crianças a cor de pele padrão é a cor branca. Apresentamos o livro “O cabelo da Lelê” e antes de começar a história dialogamos com as crianças sobre todos os tipos de cabelo e elas deixaram evidente que não gostavam de cabelos crespos e cacheados, inclusive algumas crianças falaram que o cabelo da personagem era feio.

Dito isso, apresentamos várias histórias, personagens de desenhos e vídeo. Após a conclusão das contações de histórias, das rodas de conversas e das atividades, percebemos a evolução das crianças sobre o tema. Quando perguntamos novamente sobre preconceito e racismo elas demonstraram ter aprendido seu conceito e seu impacto. Dialogamos sobre a diversidade e elas compreenderam a importância do respeito ao próximo. Ao final, as crianças começaram a elogiar os cabelos dos colegas, notamos que autoestima delas melhoraram e começaram a falar que a cor de pele delas e cabelos eram bonitos. Conversamos sobre afrodescendência e sua importância para o Brasil e todos da turma entenderam e participaram questionando e tirando dúvidas tornando o momento proveitoso. Concluímos que se faz urgente uma educação antirracista na escola e como ainda é escasso esse tema.

A seguir os momentos da realização da proposta “A Cor de Caroline”, as atividades aplicadas e as produções do primeiro e segundo encontro (Figuras 16, 17 e 18):

Figura 16 - Apresentação do livro



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Figura 17 - Atividade misturando as cores



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Figura 18 - Desenho representando a cor favorita



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

A seguir os momentos da realização da proposta “Minha Mãe É Negra Sim”, a contação de história e o cartaz produzido (Figuras 19 e 20):

Figura 19 - Cartaz sobre a cultura africana



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Figura 20 - Contação da história "Minha mãe é negra sim!"



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

No **Quadro 3** apresentamos à segunda ação da proposta pedagógica, nessa ação a finalidade é reconhecer e valorizar a herança genética.

QUADRO 3: DEMONSTRATIVO DA 2ª AÇÃO

2º Ação	Afrodescendência: Celebrando a Diversidade
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar a diversidade cultural presente na literatura infantil

	<ul style="list-style-type: none"> • Conscientizar sobre a importância da representatividade negra na literatura infantil para o desenvolvimento da identidade e autoestima de crianças negras • Fortalecer a identidade de crianças negras, promovendo a autoestima e o orgulho de suas raízes. • Identificar características físicas semelhantes entre familiares • Valorizar as características físicas de africanos e descendentes.
<p>3º Livro Infantil</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Menina bonita do laço de fita • Autora: Ana Maria Machado • Ilustração: Claudius
<p>4º Livro Infantil</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Flávia e o bolo de chocolate • Autora: Míriam Leitão • Ilustração: Bruna Assis Brasil
<p>Campos de Experiências e Habilidades (BNCC)</p>	<p>(Oralidade)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor (EF15LP19). <p>(Leitura/escuta (compartilhada e autônoma))</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. (EF15LP15). <p>(Materialidades)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais (EF15AR04). <p>(As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade. (EF01HI02)

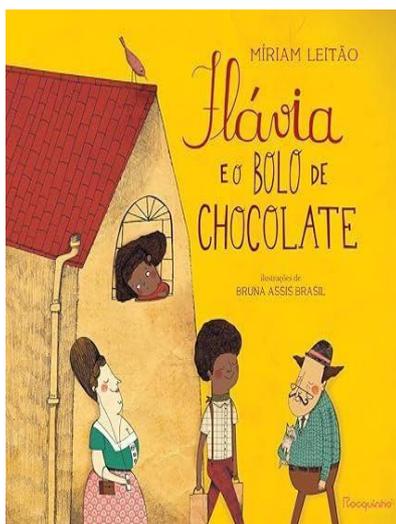
	<p align="center">(O eu, o outro e o nós)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar e acolher as semelhanças e diferenças entre o eu, o outro e o nós. (EF01ER01)
<p align="center">Procedimentos metodológicos</p>	<p>8º Encontro: Averiguar com a turma o que eles entendem por afrodescendência, logo após fazer a contação da história “Menina Bonita do Laço de fita” após a narração promover uma roda de conversa sobre o que a turma entendeu da história, e o que acharam de ter um coelho falante, nesse momento explorar o imaginário dos alunos.</p> <p>9º, 10º e 11º Encontro: Nos encontros que se seguem, será explorado cada detalhe da história, a autora, a ilustração, o enredo, os personagens, a sequência de ação exercitando a memória dos alunos, é proposto um reconto por meio de cartões com ilustração da história entregues aos alunos que estarão dispostos em dupla, logo após os alunos irão produzir uma atividade de desenho e pintura onde o intuito é fazer sua própria versão da personagem da história, como parte do projeto os alunos irão de forma individual construir sua própria árvore genealógica explorando as características dos seus familiares, e compreender a questão relacionada às características dos afrodescendentes herdadas pelos seus antepassados como na história.</p> <p>12º, 13º, 14º e 15º Encontro: Suceder com a contação de história “Flávia e o bolo de chocolate”, explorar cada detalhe da história juntamente com a turma, analisar e compreender o comportamento de cada personagem, em seguida destacar temas como amor condicional, aceitação, diversidade e preconceito, propor que cada aluno escolha um tema e exponha suas opiniões e sentimentos, após será feito o reconto da história explorando a habilidade de memorização e oralidade dos alunos, posteriormente como parte do projeto os alunos devem reescrever um novo conto inspirado em “Flávia e o bolo de chocolate”, isso irá estimular as habilidade de leitura, escrita e compreensão dos alunos.</p>
<p align="center">Duração</p>	<p>Dois meses, divididos em 8 encontros.</p> <p>Carga horária por dia: 2 horas. Carga horária total: 16h</p>

No **Quadro 3**, é apresentada a segunda fase da proposta pedagógica denominada “Afrodescendência: Celebrando a Diversidade”, o objetivo é explorar questões voltadas a questão da afrodescendência, e valorização da representatividade de personagens negros em contos infantis para a promoção da autoestima e orgulho da criança negra, que em alguns contos são erroneamente representados.

Com relação a isso Silva (2012, p. 16) menciona que: “A presença da literatura afro-brasileira nas salas de aula pode promover uma desconstrução dos estereótipos que envolvem os afrodescendentes brasileiros, sendo os professores e os autores dos textos também fundamentais para essa desconstrução.” Desta forma, percebe-se a responsabilidade atribuída a educadores e escritores de literatura infantil para a desconstrução de ideais construídos ao longo do tempo em torno de afrodescendentes e assim promover a autovalorização.

Nesta ação da proposta pedagógica foram utilizadas as obras “**Menina Bonita do laço de fita**” e “**Flávia e o bolo de chocolate**”, conforme observado nas **figuras 21 e 22**. Ambos os livros retratam fortemente temas como Família, afrodescendência, aceitação e representatividade.

Figura 21 - Capa do livro
"Flávia e o bolo de chocolate"



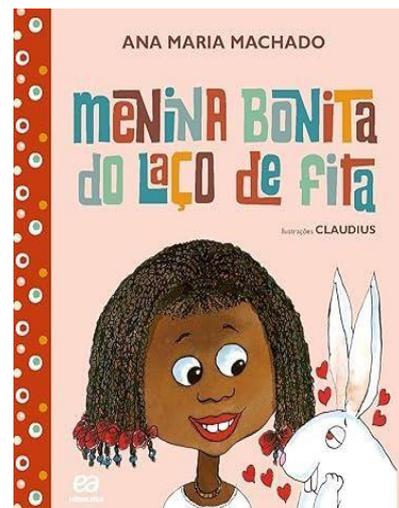
Fonte: Capa do livro “Flávia e o bolo de chocolate”

Disponível em: >

<https://www.amazon.com.br/Fl%C3%A1via-Bolo-Chocolate-Miriam-Leit%C3%A3o/dp/8562500755>.

Acesso em: 17 dez. 2024.

Figura 22 - Capa do livro
"Menina bonita do laço de fita"



Fonte: Capa do livro “Menina bonita do laço de fita”

Disponível em: ><https://www.amazon.com.br/Menina-Bonita-do-La%C3%A7o-Fita/dp/8508147597>.

Acesso em: 17 dez. 2024.

O oitavo encontro foi a abertura da segunda ação da proposta pedagógica, inicialmente foi realizado um diagnóstico acerca do que a turma entende sobre o termo afrodescendência, logo em seguida realizamos a contação da história “Menina bonita do laço de fita” através de uma cópia do livro impressa em tamanho pouco maior que o original confeccionado em papelão (um exemplo de como trabalhar esse recurso pode ser encontrado no link:

(<https://youtu.be/7QDdGUL8Dzk?si=x7OCg-Fqexnqk22>). Após a contação de história, realizamos uma roda de conversa com a turma sobre os elementos da narrativa, explorando cada detalhe da história, trabalhando temas como herança familiar, características semelhantes entre parentes e a descendência do povo africano.

No nono encontro fizemos uma atividade de desenho e pintura onde os alunos foram conduzidos a fazerem sua própria versão da personagem principal da história apenas recordando a fala inicial do narrador a qual descreve a personagem.

No décimo encontro os alunos serão direcionados para um reconto da história, dispostos em duplas receberam cartões impressos com ilustrações sobre a história de acordo com o cartão que recebeu e do que se recorda os alunos deveriam ressaltar os pontos da história que se recordavam, esse tipo de exercício é importante, pois desenvolve as habilidades de oralidade e memorização da criança.

No décimo primeiro encontro, a turma foi convidada de maneira individual a produzir sua árvore genealógica, resgatando suas raízes e identificando características físicas entre si e seus parentes, isso permitiu aos alunos uma conexão com o passado, proporcionando um sentimento de pertencimento e valorização da própria identidade.

No décimo segundo encontro abordamos o livro “Flavia e o bolo de chocolate” a contação foi feita no livro físico, de forma pausada e sempre indagando a turma sobre os acontecimentos que estavam sendo narrados.

No décimo terceiro encontro, fizemos uma exposição oral de temas abordados na história como aceitação, amor condicional, diversidade e preconceito, cada aluno deveriam escolher um tema e expor oralmente seu ponto de vista sobre o tema e lembrar como estava ligado à história.

No décimo quarto encontro solicitamos o reconto da história explorando os elementos da narrativa, o comportamento dos personagens com atitudes preconceituosas, o momento que a personagem Flávia não se aceita e o processo que a levou a se aceitar.

No décimo quinto encontro elaboramos uma atividade de escrita que consiste em os alunos escrever uma história utilizando-se de sua imaginação baseada na contação de história que presenciaram, esse exercício estimulou a criatividade e o senso crítico. Essa sequência de ações planejada teve um total de oito encontros distribuídos em dois meses, cada encontro teve uma carga horária de duas horas de duração, totalizando dezesseis horas de ações aplicadas. Essa ação focou em desenvolver um enfoque para desenvolver nos alunos a valorização da afrodescendência, e habilidades como análise e apreciação da diversidade cultural.

Essas atividades propostas na 2ª ação conseguem capturar o seguinte objetivo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que leva:

à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história; (Brasil, 2004, p. 18).

Essa constatação pode ser verificada por exemplo no momento que utilizamos a literatura da “Menina bonita do laço de fita” que busca retratar de maneira simples como se dá a afrodescendência, e retrata também a existência de uma infinidade de povos pois na história existe um grande número de coelhos de diversas cores desta forma representando de maneira que capture o público infantil a pluralidade dos povos na sociedade, e então os alunos puderam identificar a existência dessa diversidade de povos e também puderam entender que cada grupo tem a sua história, no desdobramento da atividade com a árvore genealógica eles puderam entender as contribuições e valores que cada povo tem na sociedade.

Nesse momento da atividade pudemos perceber o quanto os alunos estavam engajados na criação da sua própria árvore genealógica levando-os a valorização de suas raízes. Ainda nesta ação teve a atividade de reconto das duas histórias, com e sem ferramenta visual para apoio, neste momento os alunos se mostraram bastante empolgados relembando o que ocorreu na história, lembraram de cada personagem, de cada ação e comportamento, relataram ainda o que gostaram e não gostaram da história, desta forma sobre reconto a autora cita:

A narração de histórias e o seu reconto, dedicam-se das habilidades de primazia para o desenvolvimento da linguagem oral que em paralelo com a sua característica recreativas, permitem o diálogo, o conjunto de ideias, e a expressão do pensamento (Andrade, 2017, p.31)

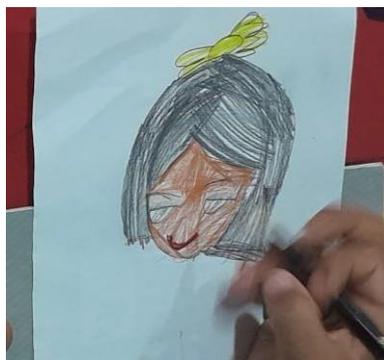
Como citado, o reconto de história contribui com inúmeros benefícios para a formação da criança, o reconto irá desenvolver habilidades da linguística que são básicas, como construir frases, organizar ideias além de estimular a oralidade, a troca de ideia, a criança ainda consegue externalizar seus pensamentos e sentimentos durante o reconto.

A seguir os momentos da realização da proposta “Menina Bonita do Laço de Fita”, a contação de história e a atividade aplicada durante os dois encontros. (Figuras 23 e 24):



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Figura 24 - Desenho representando a personagem



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

No quadro a seguir é detalhado a 3ª ação intitulada “A África em nós: um legado que permanece”:

QUADRO 4: DEMONSTRATIVO DA 3ª AÇÃO

3º Ação	A África em Nós: Um Legado que permanece
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Promover o respeito e a valorização das diferenças entre os colegas.• Compreender a influência da cultura africana na língua portuguesa falada no Brasil.• Reconhecer palavras de origem africana que fazem parte do nosso dia a dia.
5º Livro Infantil	<ul style="list-style-type: none">• O cabelo de Lelê• Autora: Valeria Belém• Ilustração: Adriana Medonça
6º Livro Infantil	<ul style="list-style-type: none">• Quanta África tem no dia de alguém?• Autora: Renata Fernandes• Ilustração: Fernanda Rodrigues

<p>Campos de Experiências e Habilidades (BNCC)</p>	<p style="text-align: center;">(Oralidade)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor (EF15LP19). <p style="text-align: center;">(Materialidades)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais (EF15AR04) <p style="text-align: center;">(O eu, o outro e o nós)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar e acolher as semelhanças e diferenças entre o eu, o outro e o nós (EF01ER01) <p style="text-align: center;">(Decodificação/Fluência de leitura)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler palavras novas com precisão na decodificação, no caso de palavras de uso frequente, ler globalmente, por memorização (EF12LP01)
<p>Procedimentos metodológicos</p>	<p>16º Encontro: Contação do livro “O cabelo de lele” apresentar a autora e explorar detalhadamente a história, questionando os alunos a todo momento da contação para que se sintam como parte da história.</p> <p>17º e 18º Encontro: Resgate da contação de história e seus elementos, realização de autorretrato, após acolher os alunos em uma roda de conversa reflexiva, aplicação de dinâmica da gratidão e atividade sobre a personagem principal da história.</p> <p>19º, 20º, 21º e 22º Encontro: Contação de história “Quanta África tem no dia de alguém?” apresentando a autora, atividade de escrita para a criação de uma lista com palavras africanas introduzidas no cotidiano dos estudantes, após, atividade de desenhos ilustrando essas palavras, em seguida roda de conversa sobre elementos da cultura africana que fazem parte do cotidiano como dança, comida e esporte, por fim exibição de vídeos de danças originalmente africanas e exibição de alimentos advindos do continente africano.</p>
<p>Duração</p>	<p>Dois meses, divididos em 7 encontros.</p>

	Carga horária por dia: 2 horas. Carga horária total: 14h
--	--

Fontes: BNCC (2017); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004). Organizado pelas autoras. (2024)

A terceira ação nomeada “A África em Nós: Um Legado que permanece” é voltada para o reconhecimento e valorização da contribuição da cultura africana para a cultura brasileira, no sentido de elementos como dança, comida, esporte entre outros como também as características físicas herdadas do povo africano, busca também incentivar a valorização da identidade afrodescendente, fortalecer o reconhecimento e disseminar conhecimentos sobre essa cultura tão rica, que é a africana, conforme afirma as autoras:

A cultura africana está bastante enraizada em nossos costumes, em nosso povo em nosso dia a dia, não há como dizer que não temos nenhum traço ou influência dos africanos, eles estão presentes em vários aspectos, desde aspectos da fala, através da qual já expressamos algo de origem africana, chegando a outras características como a alegria do povo, o gosto pelas cores nas vestimentas, musicalidade e facilidade com várias formas de danças, etc. (Souza; Guasti, 2018, p.14).

Assim, como afirma as autoras é inegável a forte presença da cultura africana no nosso cotidiano, por isso se faz importante nesta etapa da proposta a utilização de literatura infantil que aborde essas questões de forma direta.

As literaturas infantis utilizadas nesta etapa são “**O cabelo de Lelê**” e “**Quanta África tem no dia de alguém?**” como se observa nas **figuras 25 e 26** ambas as obras trazem em si, reflexões acerca da cultura africana e sua contribuição para a formação da cultura afro-brasileira. Vale ressaltar que devido a algumas situações, como a escola estava finalizando suas atividades letivas e para não comprometer os prazos de realização desta pesquisa, não foi possível a aplicação da proposta “Quanta África tem no dia de alguém?”, mas a proposta pode ser utilizada pelos educadores e futuros educadores para enriquecer suas aulas.

Figura 25 - Capa do livro "Quanta África tem no dia de alguém?"

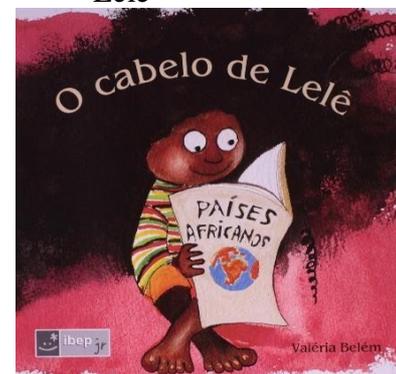


Fonte: Capa do livro “Quanta África tem no dia de alguém”

Disponível em: > <https://www.amazon.com.br/Quanta-C3%81frica-tem-dia-algu%C3%A9m/dp/6526103294>.

Acesso em: 17 dez. 2024.

Figura 26 - Capa do livro "O cabelo de Lelê"



Fonte: Capa do livro “O cabelo de Lelê”

Disponível em: > <https://www.amazon.com.br/Cabelo-Lel%C3%AA-Valeria-Bel%C3%A9m/dp/8534232083>.

Acesso em: 17 dez. 2024.

No décimo sexto encontro temos a terceira ação com a contação de história “O cabelo de Lelê”, apresentando a capa e autora para os alunos, inicialmente questionamos os alunos sobre o incomodo da Lelê com seu cabelo e se eles conseguiram relacionar esse traço de Lelê com a questão da herança genética. Durante a contação os alunos foram envolvidos na história de forma que fomos fazendo perguntas sobre a história para a turma e questionamos o que acharam da contação, pedimos a turma que se olhassem entre si e se eles notassem alguma diferença entre seus cabelos, e quais as diferenças observadas, as crianças perceberam que alguns possuem fios lisos, outros encaracolados, alguns curtos e outros longos.

No décimo sétimo encontro realiza-se um resgate da história onde os alunos recontaram com suas palavras o que recordam da história, lembrando as falas da personagem e características, logo após foi realizado uma atividade de autorretrato onde os alunos retrataram a si próprio e como representa os próprios traços e cores. Em seguida fora realizado uma roda de conversa reflexiva sobre os retratos produzidos, acentuado o fato das diferenças capilares.

No décimo oitavo encontro foi feito uma abordagem de forma geral das atividades feitas relacionadas a história, e uma dinâmica onde cada aluno escreveu uma palavra ou frase positiva para um colega em um cartão, trazendo para debate a questão de acolher e respeitar as diferenças de cada um e compreender que essas particularidades é o que torna cada um especial.

Essas atividades reflexivas voltadas para a análise de si próprio onde as crianças se observaram, se desenharam, envolveram bastante os alunos, pois os mesmo conseguiram ter esse olhar para si e para os colegas de classe, e está em concordância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e africana que orienta para: “O rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;” (BRASIL, 2004, p. 19).Essas atividades propostas quebram estereótipos e causa o empoderamento pois a criança ao observar suas próprias características tem a oportunidade de criar uma representação visual de si mesma, livre das imposições estéticas e sociais que a mídia frequentemente impõe, especialmente a pessoas negras e indígenas e constrói também uma autoimagem positiva e fortalecida, combatendo a baixa autoestima que pode ser gerada pela exposição constante a imagens negativas.

Diante desses problemas da discriminação racial vivenciada por crianças negras Trindade (2024) propõe a utilização do autorretrato como estratégia para a construção da identidade negra. Segundo ela, essa prática artística, ao incorporar as diretrizes curriculares nacionais, pode contribuir para a superação de estereótipos e para a valorização da diversidade étnico-racial.

No décimo nono encontro será realizado a contação do livro “Quanta África tem no dia de alguém?” onde pensamos em abordar inicialmente com a turma a ilustração presente na capa do livro físico e indagar do que se trata a história que irão ouvir, após a contação será lido alguns trechos que possuem palavras de origem africana e é importante a participação dos alunos nesse momento de maneira que levantem a mão a cada palavra proferida que são reconhecidas por eles.

No vigésimo encontro a turma será dividida em pequenos grupos, cada grupo irá discutir entre si e escrever palavras de origem africana que conhecem, essa atividade irá estimular a leitura e decodificação de palavras novas além de aumentar o vocabulário do estudante, após esse momento será realizado ainda em grupos, a ilustração em cartolinas dessas palavras.

No vigésimo primeiro encontro será abordado de forma mais direta algumas contribuições da cultura africana, em uma roda de conversa será apresentado por meio de um Datashow vídeos de algumas danças típicas da cultura africana, nesse momento os alunos serão convidados a imitar os movimentos de dança, será exposto também imagens alimentos pertencentes à cultura africana e nomes de esportes também, nesse momento é interessante observar o que os alunos reconhecem ou não e explicitar a importância de cada elemento para a formação da cultura afro-brasileira.

No vigésimo segundo encontro será realizado uma exposição de comidas típicas da cultura africana e em uma roda de conversa será discutido a importância desses pratos na culinária brasileira. Nesta terceira ação o enfoque é de fato o contato direto com elementos da cultura africana e como estes contribuiu para a formação da cultura brasileira e permitirá a troca de conhecimentos entre os educandos. Esta etapa abrangerá sete encontros distribuídos em dois meses, com carga horária diária de duas horas por encontro, somando 14 horas.

Apesar de não conseguirmos aplicar essa etapa da 3ª ação da proposta pedagógica, é preciso salientar que a mesma foi pensada em alcançar alguns objetivos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como o princípio que encaminha “Ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira;” (BRASIL, 2004, p. 18).esse princípio busca promover uma educação que valorize a diversidade cultural e que reconheça a importância da cultura afro-brasileira na construção da identidade nacional, e ao reconhecer a importância da cultura afro-brasileira, busca-se combater o racismo e a discriminação, promovendo a igualdade e a justiça social.

Dessa forma, percebemos a importância de contextualizar de maneira crítica os conhecimentos oriundos do continente africano desmistificando estereótipos e preconceitos secularmente impregnados pelo ocidente.

A seguir os momentos da realização da proposta “O Cabelo Da Lelê”, a contação da história e a atividade aplicada (Figuras 27, 28 e 29).

Figura 27 - Contação de história "O cabelo de Lelê"



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Figura 28 - Produção



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Figura 29 - Momento de interação



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

No próximo quadro será exposta a quarta e última ação desta proposta pedagógica intitulada “Respeitando a diversidade”. É importante destacar que, devido ao tempo limitado, não foi possível implementar a proposta. No entanto, essa iniciativa, voltada para o respeito às diversidades, pode ser utilizada por educadores e futuros educadores. Ela contribui para a promoção de um ambiente inclusivo e acolhedor, incentivando o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais, sociais e individuais."

QUADRO 5: DEMONSTRATIVO DA 4ª AÇÃO

4º Ação	Respeitando a diversidade
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância das cores e da diversidade na vida das pessoas. • Estimular a empatia e o respeito por meio da leitura e discussão. • Identificar e valorizar as diferenças entre as pessoas.
7º Livro Infantil	<ul style="list-style-type: none"> • Da Cor Que Eu Sou • Autora: Andressa Reis • Ilustração: Stefania Magalhães
Campos de Experiências e Habilidades (BNCC)	<p style="text-align: center;">(Oralidade)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor (EF15LP19). <p style="text-align: center;">(Materialidades)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (EF15AR04) <p style="text-align: center;">(O eu, o outro e o nós)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar e acolher as semelhanças e diferenças entre o eu, o outro e o nós. (EF01ER01)

<p>Procedimentos metodológicos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • 23° Encontro: Será realizado a leitura do livro “Da cor que eu sou” com participação da turma os envolvendo na história • 24°, 25°, 26° Encontro: Será realizado atividades em grupos, de confecção de cartazes sobre diversidade cultural, além de rodas de conversas sobre as diferenças percebidas na história, e incentivar que os alunos expressem suas reflexões sobre diferenças.
<p>Duração</p>	<p>Um mês, dividido em 4 encontros. Carga horária por dia: 2 horas. Carga horária total: 8h</p>

Fontes: BNCC (2017); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004). Organizado pelas autoras. (2024)

No **quadro 5** apresentamos a quarta ação intitulada “Respeitando a diversidade” onde o objetivo é valorizar as diferenças, sensibilizando o aluno para a importância da diversidade e inclusão. Nesta ação se destaca fortemente o desenvolvimento de empatia e respeito pelas diferenças presente na diversidade, afim de ultrapassar a exclusão muitas vezes encontradas em ambientes escolares. Gomes (2003) esclarece que a escola tem o potencial de trabalhar as diversidades, tornando-se um espaço acolhedor. Contudo, ela também pode se transformar em um ambiente excludente, perpetuando preconceitos e racismo. Desta forma conclui-se que a escola tem um papel fundamental na formação de cidadãos conscientes e críticos. Ao promover a inclusão e o respeito às diferenças, ela contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. No entanto, é preciso estar atento aos desafios e trabalhar constantemente para que a escola seja um espaço onde todos se sintam valorizados e respeitados.

A literatura infantil utilizadas nesta etapa é denominada “**Da Cor Que Eu Sou**” como se observa na **figura 30** a obra traz em si a valorização do diferente.

Figura 30 - Capa do livro "Da cor que eu sou"



Fonte: Capa do livro “Da cor que eu sou”

Disponível em: > <https://www.amazon.com.br/cor-que-eu-sou/dp/658705627X>.

Acesso em: 17 dez. 2024.

No vigésimo terceiro encontro pensamos em apresentar o livro “Da cor que eu sou”, em seguida, pedir que os alunos analisem a capa e descrevam a menina presente nela, no decorrer da contação fazer perguntas a turma pertinentes ao texto.

No vigésimo quarto encontro é realizado a divisão da turma para em grupos resgatar detalhes da história, como as cores e diferenças observadas, orientar os alunos a pensar nas particularidades existentes. Depois disso, em grupos os alunos devem confeccionar um painel que represente a diversidade, ou seja, eles irão desenhar qual a visão deles acerca do termo diversidade, após, roda de conversa para exposição das ideias.

No vigésimo quinto encontro será feito um reconto da história focando em trechos que falem sobre aceitação e amor, após, convidar os alunos para uma roda de conversa onde haverá uma troca entre os estudantes sobre as diferenças presentes em si próprio. Essa atividade desenvolverá no estudante o autoconhecimento.

No vigésimo sexto encontro, a turma será novamente dividida em grupos, onde com o trabalho em equipe irão confeccionar cartazes que expressem mensagens sobre diversidade e respeito, após exibição dos cartazes, realizar uma roda de conversa sobre como a diversidade está presente em nossa sociedade.

Essa última ação da proposta pedagógica está dividida em 4 encontros, distribuídos em 1 mês, com duração diária de duas horas cada encontro, totalizando oito horas, ao longo do projeto exploramos a importância da história e da cultura afro-brasileira, enaltecendo aqui a conquista das aprendizagens adquiridas ao longo de todos esses encontros. Sobre o ensinamento da história da cultura afro-brasileira, As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana cita:

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É um meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas. (Brasil, 2004, p. 20).

Dessa forma, é apresentada uma visão clara e consistente sobre a importância do ensino de história sobre as culturas afro-brasileira e africana, destaca-se a necessidade de uma educação que promova a igualdade e estabeleça o respeito às diferenças e reconheça a diversidade cultural que se encontra presente no Brasil.

Nossa proposta visa fortalecer a educação antirracista, utilizando a literatura infantil como um poderoso instrumento para desconstruir preconceitos e promover a equidade racial. Ao apresentar histórias que valorizam a diversidade e a cultura afro-brasileira, contribuímos para a formação de indivíduos mais justos e solidários, despertando seu senso crítico.

Para finalizarmos o trabalho com a turma, no último dia de intervenção, apresentamos um vídeo disponibilizado no YouTube intitulado “Racismo não! De Criança Para Criança” disponível no link https://youtu.be/R4KrFfshlkw?si=n4eQaaQnN_yoxICl. O vídeo conta a história de um menino chamado Marcelo que muda de escola e na instituição nova ele é o único garoto negro da classe e por conta da sua pele ser diferente as outras crianças o excluía das brincadeiras. Um amigo da turma percebeu a exclusão e não aprovou a atitude dos colegas o que o levou a chamar a atenção das crianças e ter que explicar sobre acolhimento, empatia e respeito para com as diferenças. Segue abaixo (Figuras 31 e 32):

Figura 31 - Apresentação do vídeo



Figura 32 - Apresentação do vídeo



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Com essa atividade tínhamos como objetivo principal promover a conscientização sobre o racismo e a importância da inclusão desde a infância. Ao apresentar a história do Marcelo apresentamos uma situação concreta e próxima à realidade de muitas crianças, o vídeo ajuda a despertar a empatia e a compreensão sobre o que é o racismo e como ele pode afetar as pessoas, além disso o vídeo também incentiva a discussão sobre as diferenças entre as pessoas, como a cor da pele, e a importância de respeitar e valorizar essas diferenças.

Por fim e como forma de agradecimento pelo acolhimento da turma e da professora durante o nosso trabalho levamos presentes, pois as crianças e a professora foram essenciais

para o desenvolvimento desta pesquisa uma vez que ao longo dos meses de intervenção sempre nos ajudaram. A seguir (Figuras 33 e 34) apresentamos os presentes entregues as crianças e (Figura 35) o presente da professora:

Figura 34 - Presente



Figura 33 - Presente



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Figura 35 - Presente



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Ainda, como forma de agradecimento, produzimos com auxílio dos alunos um livro em homenagem a turma sobre a diversidade da classe (Figura 36):

Figura 36 - Livro do primeiro ano



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2024)

Diante do exposto, entendemos que a literatura infantil, quando alicerçada no respeito às diversidades e apresentando histórias que tratem das diferenças raciais e culturais, bem como conhecimentos oriundos do continente africano e/ou produzidos por afrodescendentes, torna-se um importante e rico instrumento pedagógico para a construção de uma educação antirracista. No entanto, tal educação só será possível com professores engajados nessa luta. Para isso, é necessária uma formação inicial que trabalhe criticamente as diversidades raciais e uma formação continuada que aborde de maneira prática e bem fundamentada as questões raciais. Só assim poderemos efetivar consistentemente uma educação antirracista. Enquanto isso, pesquisas como a nossa se tornam cada vez mais necessárias, demonstrando a urgência de construir uma educação aberta às diversidades. No capítulo seguinte será abordado as considerações finais sobre toda a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de intervenção pedagógica teve como objetivo compreender a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental buscando também analisar como as educadoras podem utilizá-las de maneira estratégica para desenvolver desde cedo a consciência racial e, conseqüentemente contribuir de forma efetiva para a construção da igualdade racial. Descobrimos que a literatura antirracista é escassa na escola pesquisada e que é uma temática pouco trabalhada com as crianças, uma realidade que não é diferente em outras regiões. Observamos que apesar de poucos livros na sala, há uma quantidade mínima de livros com personagens negros como também cartazes que trazem representatividade, o que demonstra o início de uma mudança significativa.

Para realizar essa proposta de intervenção, adotamos abordagens teóricas bastante contundentes na área das pesquisas sobre a questão racial. Apresentamos variados livros de literatura infanto-juvenil e conduzimos inúmeras atividades com a intenção de alcançar os objetivos aqui descritos. No início deste trabalho, foram adotadas bases teóricas que fazem referência ao racismo, preconceito, à discriminação, a história da literatura infantil e os documentos que servem como base legal no trato de temas tão importantes como os aqui mencionados. Apresentamos também questões que estão relacionados a construção da identidade afrodescendente. Posteriormente, explanou-se os principais pontos dos documentos legais que tratam das relações étnico-raciais no contexto dos anos iniciais do ensino fundamental. Esse trabalho é relevante porque pretende investigar se esses livros de literatura infanto-juvenil são realmente utilizados, e de que forma isso acontece e, principalmente se são usados para promover o respeito pela diversidade étnica, a representatividade e a construção da consciência cultural entre as crianças do primeiro ano do ensino fundamental. A pesquisa foi importante também porque pudemos observar se de fato a educação antirracista é efetivada na escola e as lacunas existentes.

Como objetivo geral a pesquisa buscou compreender a literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental e para atingir esse objetivo buscamos variadas literaturas antirracistas para trabalhar com as crianças. Como um dos objetivos específicos, buscamos identificar a percepção de uma professora do ensino fundamental em relação ao uso da literatura infanto-juvenil antirracista e para isso entrevistamos a professora da turma. Outro objetivo foi demonstrar o uso da literatura infanto-juvenil como estratégia pedagógica antirracista no primeiro ano do ensino fundamental onde

apresentamos para a turma demonstrando como ela pode ser utilizada de maneira lúdica. E, por fim, o último objetivo foi analisar as contribuições do uso da literatura infanto-juvenil como estratégia antirracista no primeiro ano do ensino fundamental e para atingir o mesmo buscamos teóricos clássicos e atuais que discutam sobre a temática. Durante a pesquisa percebemos que há uma limitação para trabalhar o tema, pois a escola possui poucos livros e o tema só era discutido no dia da Consciência Negra.

Com o planejamento das sequências didáticas que compuseram a proposta de intervenção focalizamos em abordar temáticas como: racismo, representatividade, antirracismo, valorização dos povos afrodescendentes, literatura afro-brasileira, temas que contribuem para o rompimento de estereótipos enraizados na sociedade que infelizmente repassam de geração em geração.

Dessa forma, compreendemos que essas atividades puderam propiciar algumas contribuições, tais como reflexões sobre uma educação antirracista, para os alunos foi devesas importante pois eles passaram a ter uma visão mais aprofundada dos temas aqui pontuados, de forma que conseguiram compreender essa necessidade de debater sobre questões raciais, que não é algo que deve ser visto e discutido somente em datas comemorativas, foi perceptível que após as atividades aplicadas os alunos negros passaram a valorizar mais a sua própria imagem, pois no início das aplicações algumas crianças que possuem o cabelo com a curvatura cacheada e pele negra retratava-se com cabelos lisos e pele em tom mais claro e após algumas atividades passaram a se retratar com suas características reais.

Desta maneira, os alunos também desenvolveram uma compreensão mais ampla sobre o mundo e a diversidade que nele existe ao se depararem com personagens de diferentes etnias e culturas como os dos livros que foram abordados durante as atividades, foi possível perceber nas crianças também o desenvolvimento de uma empatia pelos personagens retratados na história, como em “Flávia e o bolo de chocolate” que a mesma não gostava da sua própria pele, além da situação enfrentada pela mãe de Flávia com relação a sua decisão de adotar Flavia que não foi bem vista, neste caso os alunos também passaram a identificar situações que podem ser racistas, os alunos se sensibilizaram com essa contação de história, por fim as crianças passaram a ter um contato mais direto e pessoal com livros pertencentes a literatura afro-brasileira, visto que os mesmos não tinham muito conhecimentos sobre esses tipos de leitura que traz consigo o destaque para o afrodescendente, então os alunos puderam desenvolver um conhecimento sobre a existência desses tipos de livros, assim passaram a valorizar mais ainda a história dos antepassados e compreenderam como se deu o processo da formação dos povos afro-brasileiros.

Um dos principais pontos a se destacar aqui é sobre o quão indispensável é uma literatura afro-brasileira para desenvolver essas habilidades nas crianças, principalmente no que diz respeito em relação a valorização da identidade, sobre isso as autoras citam:

A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real. (Mariosa, Reis, 2015, p.48).

Conforme citado pelas autoras, observa-se que a literatura infantil na vida da criança irá servir como uma espécie de espelho, pois na infância é através do mundo do imaginário que a criança irá encontrar referências e construir suas próprias narrativas, são os livros infantis que irão oferecer às crianças um repertório de significados onde as mesmas poderão interpretar o mundo e a si própria, por exemplo, uma criança que se identifica com um personagem que enfrenta um desafio e o supera pode desenvolver uma maior resiliência e autoconfiança, e isso pode lhe ser útil em alguma situação cotidiana. E isso é o significado da literatura sendo aplicado no mundo real.

Desta maneira as autoras ainda afirmam:

Portanto, vital é o reconhecimento da necessidade da valorização da literatura infanto-juvenil, com temáticas culturais afro-brasileira. Para que a identidade das crianças possa ser corroborada tanto por parte dos pais como dos professores neste processo (MARIOSA, REIS, 2015, p.48)

Sendo assim, é imprescindível uma inserção desse tipo de narrativa no cotidiano das crianças, como visto anteriormente os pontos positivos que uma literatura pode desenvolver na vida da criança, principalmente na construção da própria identidade, então é necessário recorrer à livros de literatura infanto-juvenil, que abordem a temática das questões raciais de maneira crítica, pois irá proporcionar para as crianças negras um leque de possibilidades para que elas se reconheçam e valorizem suas origens e construa sua identidade de forma completa e autêntica, também irá contribuir positivamente para a construção de caráter de crianças com padrões euro descendentes desta forma, rompendo preconceitos enraizados e evitando que os perpassa por mais gerações.

Diante disso, reafirmamos a importância de uma educação antirracista, sustentada por princípios básicos, como afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), em um de seus princípios sobre Consciência Política E Histórica Da Diversidade que deve conduzir:

à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas

e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história; (BRASIL, 2004, p. 18).

Este princípio encontra-se alinhado com a proposta de forma que, no decorrer da aplicação das sequências didáticas as crianças entram em contato com diversas literaturas com uma gama diversificada de personagens, além da apresentação aos alunos sobre diversos personagens da ficção que são afrodescendentes, isso os leva a compreender sobre a pluralidade de grupos étnicos existentes das Diretrizes na nação brasileira.

Outro princípio que se alinha com a proposta é o que encaminha: “Ao conhecimento e à valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira na construção histórica e cultural brasileira;” (Brasil, 2004, p. 18).

A proposta aborda através da literatura infantil a valorização da história dos povos africanos e da formação da cultura afro-brasileira, como na terceira ação da sequência didática que tem um enfoque nessa valorização da cultura africana e suas influências.

O princípio nomeado como Fortalecimento de Identidades e de Direitos busca “O rompimento com imagens negativas forjadas por diferentes meios de comunicação, contra os negros e os povos indígenas;” (Brasil, 2004, p. 19).

Uma das pautas mais buscada nessa proposta de intervenção é a quebra desta imagem distorcida que foi criada sobre o negro, a má representação do negro que tomou proporções devastadoras, então através de livros como por exemplo “Menina bonita do laço de fita” e das rodas de conversas permitiu que as crianças tivessem esse rompimento com o estereótipo que foi criado sobre o povo afrodescendente e sua perpetuação através de gerações, e valorizar esse grupo étnico. Por fim o último princípio que se alinha à proposta é nomeado como Ações Educativas De Combate Ao Racismo E A Discriminações que encaminha para a “Valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, por exemplo, como a dança, marcas da cultura de raiz africana, ao lado da escrita e da leitura;” (Brasil, 2004, p. 20).

Na terceira ação da sequência didática, especificamente no trabalho com o livro “Quanta África tem no dia de alguém?” busca o desenvolvimento sobre esses aspectos da cultura africana como a dança, além de palavras de origem africana adotadas no vocabulário brasileiro trabalhando sua leitura e escrita. Desta maneira conclui-se que toda a proposta está devidamente alinhada com as diretrizes que regem para uma Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Com esta proposta de intervenção, buscamos evidenciar a urgência e a necessidade de práticas pedagógicas que abordem questões raciais, culturais e identitárias de maneira crítica, sensível e aberta às diversidades, utilizando a literatura infantil como uma ponte para efetivar

essa tarefa. Contudo, é importante salientar que, para que a educação antirracista seja efetivada nas escolas, é necessário que professores, gestores e a sociedade em geral estejam engajados na luta antirracista. Nós, autoras desta pesquisa, mulheres nordestinas de origens étnico-raciais distintas, estaremos continuamente comprometidas com nossas práticas pedagógicas para construir uma educação mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Luiz de. **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo/ Brasil: Pólen Livros, 2019. 256p.

ANDRADE, Joana Fraga. **A importância do relato de histórias no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos**. Porto, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10284/6307>. Acesso em: 05 jan. 2025.

ARAUJO, L. F.. **A Lei 10639 e sua maior idade. Há o que se comemorar?** revista Docência e Cibercultura, v. 5, p. 01-388, 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 1º edição. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERBEL, Vanessa. Vilela. **Raça e racismo: os desafios dos direitos humanos na sociedade moderna**. Revista Direito Em Debate, v. 26, p. 326, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, acessado dia 15 outubro de 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2004**. Estabelece Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 fev. 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces001_04.pdf. Acesso em: 25 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 3 v.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989. Casa Civil. **Subchefia para assuntos jurídicos. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9459.htm> Acesso em: 30 setembro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá

outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 19 out. 2024.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTRO-GÓMEZ, S. Los avatares de la crítica decolonial. 2012.

CAVALCANTE, F. C. A. L. Literatura afro-brasileira: um processo de afirmação identitária e de resistência negra na poesia de Cuti. *Opiniões*, n. 10, p. 86-99, 2017.

COELHO, Nielly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CORREA, A. G.; SILVA JUNIOR, P. M. da; CARVALHO, É. L. de. **Quando a representatividade importa: reflexões sobre racismo, valorização identitária negra e Educação Básica**. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 17, e19407, p. 1-17, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092022000100465. Acesso em: 24/12/2024.

COSTA, Maria do Carmo Ferreira da. FILHO, Rubem. **Meninas negras**. Coleção Griot. Mirim. Belo Horizonte: Mazza Edições. 24 p. 2006

CRUZ, Angélica Maria Vieira Cruz; NASCIMENTO, R. N. F.. **Identidade negra, discurso e autorreconhecimento: perspectivas de uma educação antirracista**. *Revista Zabelê - Discentes PPGANT/UFPI*, v. 3, p. 19-30, 2022.

DAYRELL, Juarez. **A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. *Educação e Sociedade*, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

DUARTE, E. A. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. *Terceira Margem*, v. XIV, p. 1-20, 2010.

FERREIRA, Fabio. Félix.; GOIS, Emerson. Santos. **Racismo Estrutural e Seus Impactos no Sistema de Segurança Pública do Brasil**. *Direito. unb*, v. 5, p. 75-100, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Nilma Lino. (Org.). **Educação anti-racista: abertos pela lei federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONÇALVES, Adriana do Carmo Correa; IVENICKI, ANA. **Educação Infantil, Antirracismo e Multiculturalismo**. *PERIFERIA (DUQUE DE CAXIAS)*, v. 13, p. 75-95, 2021.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. *Educação e Pesquisa (USP)*, SÃO PAULO, v. 31, n.1, p. 122-143, 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito**. Novos Estudos Cebrap, v. no 2001, n. 61, p. 147-162, 2001Tradução. Acesso em: 05 dez. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8º edição. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5º edição. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto alegre: Artmed/UFMG, 1999.

LIMA, Marcus Eugenio Oliveira. **Psicologia social do preconceito e do racismo**. 1. ed. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida; PAULA, A. P; BRAGA, A. F. S. **A Contação de Histórias e Sua Importância Para o Desenvolvimento da Criança**. Revista Interdisciplinar Sulear, v. n 9, p. 131-144, 2021.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura infantil: a fantasia e o domínio do real**. Teresina: UFPI, 2001. 97 p.

MARIOSIA, G. S.; REIS, Maria da Glória dos. **A contribuição da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária, v. 8, p. 42-53, 2015.

MARQUES, F. P; SILVA, M. F. **Literatura na cor da pele: discutindo o reconto como caminho para a (re)construção da identidade da criança negra**. Santana. 2019.

MELO, Gabriela Oliveira. **Educação Intercultural Crítica e Antirracista: Concepções e Práticas nas Escolas da Cidade de Sinop, Mato Grosso**. REP's - Revista Even. Pedagog. Número Regular: Educação Ambiental Sinop. v. 12, n. 2 (31. ed.), p. 331-340. Mato Grosso, ago./dez, 2021.

MELO, Glenda Cristina Valim de; JESUS, Dánie Marcelo. **Linguística Aplicada, raça e interseccionalidades na contemporaneidade** - volume 2. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2023. v. 1. 296p.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 27 set. 2024.

NASCIMENTO, F. A. S.; VIEIRA, R. L.. **Educação Literária e Diversidade: Abordagens Anti-racistas no Ensino de Língua Portuguesa**. In: Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça dos Institutos Federais (SERNEGRA) Seminário de Educação das Relações Étnico-Raciais para a Educação Básica, 2024, Maracanaú-CE. Anais da XII Semana de

Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça dos Institutos Federais (SERNEGRA) Seminário de Educação das Relações Étnico-Raciais para a Educação Básica, 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Maryna dos Santos; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. **Concepções sobre a utilização da literatura infantil na escola integral entre professores do ensino fundamental I**. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 9, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/5903>. Acesso em: 22 de dezembro de 2024.

OLIVEIRA, Isabella Wanderley. **A contribuição da literatura infantil afro-brasileira na promoção de uma educação antirracista**. 2023.

OLIVEIRA, Jurema José de. **As heranças e suas implicações na contemporaneidade**. Feira literária Brasil - África de Vitória-Es, v. 1, p. 1-5, 2020.

PAULO, T. F.; VIEIRA, L. R. . **Racismo na obra lobatiana: uma análise do livro 'Caçadas de Pedrinho'**. REVISTA EDUCAÇÃO PÚBLICA (RIO DE JANEIRO), v. 23, p. 1-6, 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 148 p.

ROSA, Graziela Oliveira Neto da. **Educação antirracista: ausências e urgências na fiscalização do Art.26-A LDBEN no contexto escolar**. CADERNOS DO APLICAÇÃO (UFRGS), v. 33, p. 1-14, 2020.

SANTOS, Cleito Pereira dos; VIANA, Nildo. **Capitalismo e Questão Racial**. 2 ed. Goiânia: Edições Redelp, 2009, v., p. 53-76.

SILVA, Francielle Suenia da. **Reconhecimento, identificação e valorização [manuscrito]: questões da afrodescendência em sala de aula** / Francielle Suenia da Silva. – 2012. 44 f.

SILVA, Herbeth Douglas Gomes. **A Influência da Família no Processo de Aprendizagem da Leitura e da Escrita**. 2022. 50 Folhas. Educação. Instituto Federal de Alagoas, Maceió. 2022.

SILVA, Maurício. **Da educação eurocêntrica à educação antirracista: uma introdução**. Dialogia, São Paulo, n. 38, p. 1-10, e20213, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/38.2021.20213>.

SILVA, Paulo Marcio Varela da. **O conceito de racismo estrutural na convenção interamericana contra o racismo à luz do pensamento da filósofa brasileira Djamila Ribeiro**. 2022. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

SOBRAL, Cristiane. **Como não ser racista (mesmo que você jure que não é)**. Brasília, DF: Sindilegis, 2024.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Entre tênis e cadarços - a literatura infantil afrodescendente: o que ensina o mercado editorial brasileiro?** / Emanuella Geovana Magalhães de Souza. – 2019. 159 f.

SOUZA, I. C.; GUAISTI, Maria Cristina Figueiredo Aguiar. **Cultura africana e sua influência na cultura brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO**, 2018, Rio de Janeiro. ENEBD - Anais do XLI Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação. Rio de Janeiro: Editoria da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. v. 1. p. 1-16.

TEDLA, Eleni. **Sankofa, african thought and education**. New York: Peter Lang, 1995, p. 1-41.

TRINDADE, Bianca Cristina da Silva. **O AUTORRETRATO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Educando para a superação do racismo**. RevistaCactácea, v. 04, p. 69-76, 2024.

TV, zyn. **Racismo não! De criança para criança**. YouTube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/R4KrFfshlkw?feature=shared>.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998, 224 p.